



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL-PUBLICIDADE E
PROPAGANDA

SANDRA LEMOS DOS SANTOS

ELEIÇÕES 2018: O NORDESTE É MAIS UMA VEZ MARCADO EM VERMELHO

FORTALEZA

2022

SANDRA LEMOS DOS SANTOS

ELEIÇÕES 2018: O NORDESTE É MAIS UMA VEZ MARCADO EM VERMELHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Aparecida de Sousa

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S238e Santos, Sandra Lemos dos.
ELEIÇÕES 2018: O NORDESTE É MAIS UMA VEZ MARCADO EM VERMELHO / Sandra Lemos dos Santos. – 2022.
82 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Maria Aparecida de Sousa.

1. Nordeste. 2. Eleição 2018. 3. Análise do Discurso. I. Título.

CDD 070.5

SANDRA LEMOS DOS SANTOS

ELEIÇÕES 2018: O NORDESTE É MAIS UMA VEZ MARCADO EM VERMELHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Aparecida de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Raimundo Nonato de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marta e Francisco, à minha irmã, Alessandra, à minha avó, Antônia, e à minha prima, Patrícia.

À minha orientadora, Prof. Dra. Maria Aparecida de Sousa. Aos professores da banca examinadora, Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior e Prof. Me. Raimundo Nonato de Lima.

À UFC e, em especial, a todos os professores e funcionários do ICA.

“O centro do mundo está em todo lugar, o mundo
é o que se vê de onde se está.”

(Documentário “O mundo global visto do lado
de cá”)

RESUMO

As eleições presidenciais de 2018 no Brasil foram marcadas pela divisão do país em dois polos ideológicos, esquerda e direita. A nítida diferença de comportamento dos eleitores do Nordeste com relação ao restante do país foi agudamente evidenciada na mídia, levantando uma série de comentários insultuosos a cerca da região e seu povo. Neste trabalho, buscamos identificar como conceitos e percepções já existentes sobre o Nordeste foram usados na leitura do resultado eleitoral na região. Para tal fim, tomaremos como teoria e metodologia a Análise do Discurso de linha francesa, iniciada por Michel Pêcheux, para analisar comentários feitos em notícias sobre o resultado eleitoral para Presidente da República em 2018. Adicionalmente, nós apresentamos uma análise quantitativa e de sentimento dos comentários. As notícias escolhidas foram publicadas por portais jornalísticos brasileiros em suas páginas no Facebook. Buscamos identificar quais elementos historicamente associados à identidade nordestina foram trazidos como uma tentativa de descredibilizar a participação dos habitantes dessa região no pleito eleitoral.

Palavras-chave: Eleição. Nordeste. Análise do Discurso.

ABSTRACT

The 2018 presidential elections in Brazil were marked by the division of the country into two ideological poles, left and right. The clear difference in behavior of voters in the Northeast in relation to the rest of the country was sharply highlighted in the media, raising a series of insulting comments about the region and its people. In this work, we seek to identify how existing concepts and perceptions about the Northeast were used in reading the electoral results in the region. To this end, we will take as theory and methodology the French Discourse Analysis, initiated by Michel Pêcheux, to analyze comments made in news about the election result for President of the Republic in 2018. Additionally, we present a quantitative and sentiment analysis of the comments. The chosen news were published by Brazilian journalistic portals on their Facebook pages. We seek to identify which elements historically associated with the Northeastern identity were brought in as an attempt to discredit the participation of the inhabitants of this region in the electoral process.

Keywords: Election. North East. Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Resultado por estado da votação para Presidente da República (2018).	14
Figura 2 – Representação das vítimas da seca pelo chargista Rafael Pinheiro Bordalo no jornal O Besouro na primeira página do número de 20 de julho de 1878.	31
Figura 3 – Vítimas da seca no Ceará (1877-1878) fotografadas por J. A. Correia.	32
Figura 4 – Dilma Rousseff em seu pronunciamento após a aprovação do seu <i>impeachment</i>	40
Figura 5 – Características do Discurso de Jair Bolsonaro segundo Albernaz (2019).	42
Figura 6 – Tweet de Jair Bolsonaro.	45
Figura 7 – Captura de tela da matéria no Facebook do portal UOL (Matéria 1).	47
Figura 8 – Captura de tela da matéria no Facebook do jornal O Globo (Matéria 2).	48
Figura 9 – Captura de tela da matéria no Facebook do jornal BBC News Brasil (Matéria3).	48
Figura 10 – Fases da AS.	65
Figura 11 – Representação do método baseado em léxico para análise de sentimentos.	66
Figura 12 – Frequência das palavras presentes nas notícias dos três jornais.	69
Figura 13 – Diagrama de rede das palavras presentes nas notícias dos três jornais.	70
Figura 14 – Frequência dos sentimentos e emoções encontrados nos comentários.	72
Figura 15 – Contribuição de cada palavra na construção dos sentimentos e emoções.	74
Figura 16 – Frequência dos sentimentos e emoções encontrados nos comentários sem incluir a palavra presidente.	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comentários selecionados na categoria <i>Cá versus lá.</i>	50
Tabela 2 – Comentários selecionados na categoria <i>Bolsa Família e parasitismo.</i>	55
Tabela 3 – Comentários selecionados na categoria <i>Sou nordestino, mas....</i>	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
AS	Análise de Sentimentos
CPDA	Ciências Sociais em Desenvolvimento de Agricultura e Sociedade
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LPN	Linguagem de Processamento Natural
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
NLP	<i>Natural Language Processing</i>
PBF	Programa Bolsa Família
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	NORDESTE, UMA IDENTIDADE MARCADA PELO SUBDESENVOLVIMENTO	18
2.1	O que é identidade?	23
2.2	O espaço inóspito	26
3	O BRASIL DE 2018	34
3.1	PT <i>versus</i> antipetismo	36
3.2	Jair Bolsonaro	40
4	METODOLOGIA E ANÁLISE	43
4.1	Análise do Discurso	43
4.2	O <i>corpus</i> da pesquisa	46
4.3	Análise	49
4.3.1	<i>Cá versus lá</i>	49
4.3.2	<i>Bolsa Família e parasitismo</i>	54
4.3.3	<i>Sou nordestino, mas...</i>	59
5	ANÁLISE QUANTITATIVA DE TEXTO E DE SENTIMENTOS	64
5.1	Metodologia	67
5.2	Análise quantitativa do texto	68
5.3	Análise dos sentimentos	72
6	CONCLUSÕES E TRABALHOS FUTUROS	76
	REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Em 2018, o Partido dos Trabalhadores (PT) não conseguiu, após quatro vitórias eleitorais consecutivas, eleger seu candidato como Presidente da República. Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), eleito para ocupar o cargo a partir de janeiro de 2019 até dezembro de 2022, obteve 55,13% dos votos, vencendo em todas as regiões do país, exceto no Nordeste, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O Nordeste, possuidor, no imaginário nacional, da singularidade de uma identidade geográfica, cultural e econômica, foi visto mais uma vez como a região que funciona em desacordo com o restante do país. Considerando-se apenas o Nordeste, Fernando Haddad (PT) superou Bolsonaro, acumulando 69,7% dos votos. Em 2014, deu-se o mesmo, o PT, na época representado por Dilma Rousseff (PT), obteve expressiva votação na região, gerando uma onda de ataques cibernéticos contra o povo nordestino (TERRA, 2014; R7, 2014). No ano de 2018, um dos efeitos de a maioria dos eleitores nordestinos escolherem o candidato Haddad para a Presidência da República foram novas ondas revoltosas de internautas questionando a capacidade de escolha eleitoral dos nordestinos.

A eleição presidencial, como uma forma jurídica estabelecida para a escolha democrática dos governantes de cidades, estados e do país, é um fenômeno social de representação. Analisar os enunciados de internautas sobre o papel do Nordeste nas eleições presidenciais de 2018 contribui para o entendimento do processo histórico, social e ideológico da construção de discursos sobre essa região e seu povo dentro do contexto nacional. Esse entendimento é possível porque os comentários são enunciados que integram uma formação discursiva acerca dessa parte do país. Assim, analisar os comentários dentro de seu contexto de produção e investigar o pré-construído por eles invocado nos permite perceber como novas conjunturas sociais alteram, preservam, ocultam, realçam e são moldadas e moldam o que se diz sobre o Nordeste e seu povo.

Nossa percepção que o Nordeste foi remarcado em vermelho na eleição de 2018, como apresentada no título do trabalho, veio da observação de como a região foi mostrada graficamente na divulgação dos resultados da votação para Presidente da República. Nas imagens do mapa eleitoral por região, todos os estados nordestinos estão marcados em vermelho (1), assim como Pará e Tocantis, onde Fernando Haddad também foi o mais bem votado no segundo turno. Já as outras regiões do país, costumavam ser coloridas com outras cores, mas o Nordeste permanecia marcado em vermelho.

Ser remarcado em vermelho também significa que nas eleições de 2018 os estigmas

sobre a região foram reatualizados, o imaginário negativo sobre o Nordeste foi ressaltado para invalidar, pelo menos discursivamente, a escolha eleitoral da maior parte dos nordestinos. O vermelho aqui também é importante na significação sobre o Nordeste porque está ligado ao PT, ao comunismo e também a alguns dos elementos comumente associados ao Nordeste, como o sol, a terra e o calor.

Figura 1 – Resultado por estado da votação para Presidente da República (2018).



Fonte: G1 (2018).

Neste trabalho, pretendemos analisar comentários de leitores feitos em notícias sobre o resultado das eleições presidenciais de 2018 divulgadas no Facebook. Os comentários serão aqui tomados como materiais de estudo porque são uma fonte acessível, contemporânea e aberta das percepções de muitos brasileiros sobre a conjuntura política e regional do país. O Facebook e outras redes sociais foram peças fundamentais em como se deu o resultado daquela eleição.

Ao selecionar comentários para compor o nosso *corpus* de pesquisa, foi preciso primeiro selecionar publicações de matérias que seguissem os seguintes critérios:

1. Portais de notícias tradicionais e de maior impacto nacional.
2. Notícias que destacassem a votação majoritária no PT no Nordeste.
3. Notícias que abordassem o resultado eleitoral presidencial por região brasileira.

4. O número mínimo de comentários fosse 200.

A partir de três publicações feitas no Facebook por três diferentes portais de notícias, analisamos os comentários feitos por internautas nessas publicações. As páginas selecionadas foram UOL (2018a), Globo (2018), BBC News Brasil (2018) UOL, que atenderam os critérios por nós estabelecidos:

1. **Matéria 1:**

- **Título:** Com votação recorde para o PT, Nordeste deu 43% do total de votos de Haddad.
- **Portal:** UOL.
- **Total de comentários:** 253.
- **Data de publicação:** 29 de outubro de 2018.

2. **Matéria 2:**

- **Título:** PT mantém força no Nordeste e Haddad vence em 98,6% das cidades.
- **Portal:** O Globo.
- **Total de comentários:** 2,6 mil.
- **Data de publicação:** 28 de outubro de 2018

3. **Matéria 3:**

- **Título:** Eleições 2018: O peso de cada região do Brasil na votação para presidente.
- **Portal:** BBC News Brasil.
- **Total de comentários:** 312.
- **Data de publicação:** 12 de outubro de 2018.

Dado esse material, o problema de pesquisa deste trabalho é responder à questão: quais aspectos associados à identidade nordestina baseiam as interpretações que desqualificam o resultado eleitoral para Presidente da República no Nordeste em 2018? O objetivo principal é analisar as interpretações desqualificadoras, formuladas como comentários compartilhados no meio digital, sobre o resultado eleitoral para Presidente da República no Nordeste em 2018. Em específico, nossos objetivos concentraram-se em:

- Delinear o percurso sócio-histórico constitutivo de alguns dos elementos marcadores do subdesenvolvimento na identidade nordestina;
- Apresentar alguns dos principais aspectos do contexto eleitoral presidencial do Brasil de 2018.
- A partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, analisar a

intersecção, materializada em comentários compartilhados no meio digital, entre elementos negativos associados ao Nordeste e o contexto político polarizado de 2018.

- Identificar e quantificar os sentimentos, positivo ou negativo, expressos nos comentários dos três portais de notícia.

As análises são feitas sob duas vertentes: Análise do Discurso (AD) e Análise de Sentimentos (AS). A primeira e principal vertente de estudo neste trabalho, a Análise do Discurso, é de caráter qualitativo, e é adequada aos nossos objetivos pois fornece um entendimento das formações discursivas investigadas, nos permitindo entender a construção do sentido dessas e a sua relação com a história e sociedade que a produziram. Em particular, seguimos a linha francesa de AD, porque “a chamada análise de discurso francesa caracteriza-se pela ênfase no assujeitamento do emissor, que se expressaria mediante a incorporação de discursos sociais já instituídos [...]”(MANHÃES, 2005). A AD francesa se adequa então aos nossos objetivos pois permite relacionar linguagem e exterioridade, ou seja, como o social, o histórico e o ideológico significam. Só é possível entender os sentidos dos comentários a cerca do Nordeste e dos nordestinos quando entendemos as suas condições de produção, entendendo o contexto que o Brasil estava inserido assim como a historicidade do Nordeste e seus esteriótipos.

A segunda forma de análise é de natureza quantitativa, denominada Análise de Sentimentos. Esta abordagem é secundária e foi escolhida como um adição à abordagem da AD, pois vem sendo consideravelmente aplicada em várias áreas do conhecimento com o intuito de quantificar sentimentos implícitos em diversos tipos de textos e assim fazer conclusões e inferências a cerca destes. Há diferentes metodologias na AS, mas, neste trabalho, consideramos a abordagem baseada em léxico, em que os sentimentos são quantificados baseados em um dicionário de léxico de sentimentos construído manualmente.

Seguindo as duas linhas de análise citadas para estudar os comentários dos leitores nas matérias selecionadas, esperamos observar em qual sentido a construção epistemológica desta região se mantém viva no discurso popular e reatualiza o Nordeste no imaginário nacional e ao quantificar sentimentos implícitos nesses comentários, entender em que direção, positivo ou negativo, eles seguem.

Em resumo, este trabalho está organizado como segue. No Capítulo 2 dissertamos sobre o Nordeste e os aspectos negativos a ele associados. Discorremos sobre sua face marcada pelo subdesenvolvimento e trazemos aspectos da identidade nordestina relacionados a um lugar seco e inóspito. O Capítulo 3 traz uma contextualização do espaço brasileiro nas eleições de

2018, abordando alguns aspectos da polarização no contexto político do Brasil nesse ano. O Capítulo 4, por sua vez, destina-se a apresentar o conceito de Análise do Discurso, focando na escola francesa de Michel Pêcheux, e à análise dos comentários sob o ponto de vista da AD. O capítulo 5 dedica-se a apresentar alguns conceitos básicos da AS, assim como os resultados obtidos na análise quantitativa do texto. Por fim, no Capítulo 6 discorreremos sobre os achados no desenvolvimento da pesquisa, nossas principais conclusões e sugestões de trabalhos futuros.

2 NORDESTE, UMA IDENTIDADE MARCADA PELO SUBDESENVOLVIMENTO

As tematizações sobre o Nordeste costumam repetir a região em uma posição desprivilegiada. Para uma mente plasmada no Brasil das constantes representações de um Nordeste subdesenvolvido, ler “[...] *Meus aplausos aos irmãos lá de cima...*”¹ pode provocar o efeito de estranhamento. Apesar de o autor desse comentário usar o termo **“lá de cima”** como apontamento geográfico, pois na visualização cartográfica o Nordeste está posicionado na parte superior do mapa do Brasil, há a possibilidade de um desvio momentâneo de sentido que nos leve a interpretar “de cima” na acepção qualitativa de superioridade, destaque positivo, posição elevada. E nesse sentido, o Nordeste não costuma “estar por cima”.

Na historicidade dos contextos sociais se dá o movimento dinâmico dos processos discursivos que formulam e enunciam diferentes *Nordestes*. Apesar da pluralidade de dizeres possíveis, a miséria tornou-se um dos elementos mais associados à identidade nordestina. Somos representados como o lugar da falta; falta d’água, falta de recursos financeiros, falta de educação e informação, falta de consciência, falta do olhar responsável dos governantes. Como afirma Almeida (2014) em sua pesquisa sobre a representação do Nordeste e do nordestino nas Revistas Ilustradas Semanais (1930 - 1954), durante os dois governos Vargas, “o sertão [...] é insistentemente reduzido à descrição da crueldade implacável da natureza, na forma da seca. O sertão, em sua apresentação jornalística, não possui cultura, não possui história, ele é atemporal, imutável e inóspito” (ALMEIDA, 2014, p. 44).

A narrativa de Freyre refere-se à poderosa ligação entre o clima do semiárido do Nordeste brasileiro e suas gentes como um todo. Conhecidas desde o período colonial, impressionando pela brutalidade de seus resultados, [...] as secas periódicas e seu produto social, a emigração, se transformaram em um signo natural, um representante absoluto da paisagem nordestina, principalmente para as populações dos estados do Sudeste. Na reconstrução imagética do Nordeste, o sertão vem sendo escolhido como imagem que nos apresenta e nos introduz ao universo físico e humano das terras do semiárido do país, passando assim ele, sertão, a representar o que de fato é tão maior e tão mais heterogêneo. (ALMEIDA, 2014, p. 44).

Embora Almeida (2014, p. 44) também enfatize não ser o Nordeste representado, “principalmente pela imprensa, unicamente como sertão”, e (RAGO, 1996) ponha que o processo de globalização tem contribuído para desarticular certos estigmas sobre a região, de maneira geral, mencionar “Nordeste” ainda evoca, prioritariamente, um conjunto específico de imagens

¹ Comentário presente na matéria “Com votação recorde para o PT, Nordeste deu 43% do total de votos de Haddad”, do portal UOL (2018b).

agrupadas no imaginário brasileiro pelo trabalho homogeneizador das identidades. Esse conjunto de imagens *top of mind*² definem o Nordeste, “na maior parte das vezes negativa e pejorativamente, como lugar do atraso, do rural e do passado persistente, valorizando em contrapartida o Sudeste e o Sul agilizados como espaços do progresso, da razão e do futuro” (RAGO, 1996).

Ao tratar de representações homogeneizadoras que constroem a falsa ideia da essência verdadeira dos nordestinos e seus espaços, estamos analisando os processos de estabilização e manutenção, por meio da reafirmação, do que Orlandi (1993) nomeia como discurso fundador. “[...] em relação à história de um país, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país” (ORLANDI, 1993, p. 7). Ou seja, os enunciados postos nesta categoria discursiva criam “tradição de sentidos projetando-se para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente” (ORLANDI, 1993, p. 13-14).

Enunciados, como os dos discursos fundadores, [...] vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido [...]. São enunciados que ecoam [...] e reverberam efeitos de nossa história em nosso dia-a-dia, em nossa reconstrução cotidiana de nossos laços sociais, em nossa identidade histórica (ORLANDI, 1993, p. 12).

Somos representados. É necessário ativar este conhecimento, o conhecimento de que os atos de representação, sendo o ângulo pelo qual o referencial é observado e posteriormente apresentado, são determinados por quem fala, sobre quem (ou o quê) fala, para quem fala e quando fala. Isso significa que, como em todo ato de comunicação, existe uma intencionalidade nos atos de repetição de estereótipos negativos relacionados aos nordestinos, pois esses estereótipos funcionam para a manutenção ideológica das posições de poder de outras regiões e mesmo de grupos locais, como a burguesia local, que muitas vezes explorou a pobreza local em benefício próprio.

Brandão (2009) afirma que é na distância, “no interstício entre a coisa e sua representação sígnica que reside o ideológico”. Explorando essa reflexão para sempre frequente afirmação de que o Nordeste é sustentado pelo Sudeste, especialmente São Paulo, vemos também o papel simplificador que a ideologia exerce para justificar a posição de determinados grupos.

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 30)

² Termo em inglês para designar a primeira ou mais provável associação com algo. No Marketing, se aplica como uma métrica que descreve o produto mais lembrado quando questionado sobre uma marca ou setor específico. Por exemplo, se perguntado sobre uma ferramenta de busca na internet, a maioria das pessoas diria Google. Então dizemos que o Google é *top of mind*.

A ideologia busca apagar o caráter histórico das formações sociais, naturalizá-las, justificar as posições de sujeito, mas “o Nordeste é uma produção imagético-discursiva, gestada historicamente”(ALBUQUERQUE, 2011). Nessa afirmação, se observa o aspecto duplo da memória, que é cristalizar, institucionalizar, mas memória também é esquecimento (ORLANDI, 2012). São Paulo se mostra como o estado *self-made*³, que alcançou a modernidade antes do restante do país, que é o grande contribuidor e sustentador não só da sua população, mas também dos estados nordestinos.

No entanto, a história vem para nos mostrar que a industrialização do Centro-Sul e a, por muito tempo estagnada, economia nordestina possuem causas estruturais que se implicam, ou seja, o crescimento de um e o subdesenvolvimento do outro estão relacionados. Com a produção açucareira centrada no litoral nordestino, o ciclo do açúcar⁴ (...) foi um dos períodos mais prósperos e fortes da economia nordestina, o açúcar chegou a representar 65% da renda da colônia. Diante do que o Nordeste representou para a economia brasileira, como aconteceu este revés que pôs os estados nordestinos por muito tempo em uma situação de estagnação e subsistência?

Para pensar alguns aspectos dessa questão, tomaremos como base o trabalho de Farias (2019): A questão regional do Nordeste para Celso Furtado: da formação econômica à criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Nesse trabalho, Farias analisa a produção de Celso Furtado⁵, focando em como esse economista tratou a questão do subdesenvolvimento da região Nordeste.

O açúcar foi o toque de Midas para o Nordeste, transformava tudo em ouro, mas que tudo fosse ouro, era um problema. A *commodity* era muito valorizada e com alta demanda no mercado internacional, o que trouxe grandes lucros, e tínhamos uma produção brasileira, centrada no Nordeste, muito forte, em que se produzia mais do que era esperado pela metrópole. Mas “a forma como a geração de renda da cana-de-açúcar foi estruturada inicialmente levará ao surgimento de características que se perpetuarão na economia nordestina ao longo dos séculos seguintes”. (FARIAS, 2019).

³ Segundo o dicionário online Merriam-Webste (2022), significa alcançar o sucesso ou proeminência pelo próprio esforço.

⁴ Godinho (1953) problematiza o uso do termo ciclo, uma vez que esse termo passa a ideia de algo que começa e termina, o que não realmente aconteceu com o açúcar no Brasil.

⁵ Economista e intelectual brasileiro do século XX, Ministro do Planejamento no governo de João Goulart (8 de Setembro de 1961 – 1 de Abril de 1964) e Ministro da Cultura no governo José Sarney (21 de Abril de 1985 – 14 de Março de 1990). Dedicou-se a estudar principalmente sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento e a pobreza em vários países do mundo.

O governo português instalou o complexo produtivo da cana-de-açúcar no Brasil, mas não buscava com isso o desenvolvimento da colônia; assim, o objetivo era o lucro. Os resultados financeiros obtidos com o açúcar estavam concentrados nas mãos dos senhores de engenho, que empregavam essa renda na “manutenção e produção dos engenhos”. Pensando na composição da força de trabalho empregada nos engenhos, encontramos um outro fator bloqueador do fluxo dos lucros do açúcar: quase toda a produção era fabricada por mão de obra escrava, não existiam trabalhadores assalariados.

Essa concentração em torno da cana-de-açúcar mostra que, diante da força econômica que a atividade assumiu, não havia interesse por parte dos detentores do capital em investir no desenvolvimento de outras atividades econômicas que poderiam diversificar a economia. A potência a qual o açúcar atingiu durante o século XVI permitiria a diversificação e, por consequência, fortalecimento das atividades produtivas no Nordeste, mas a estagnação na monoatividade atrofiou as possibilidades de diversificação da produção da época, pois não existia fluxo de renda para outros grupos ou outras atividades.

Como os senhores de engenho detinham o dinheiro, essa classe se tornava a única capaz de criar demandas de consumo significativas que gerassem novas atividades produtivas. No entanto, o consumo residual dessa classe era

voltado para a aquisição de bens importados, o que impossibilitou a formação de atividades manufatureiras internas. Com exceção de atividades econômicas voltadas para o consumo de subsistência, não houve a propulsão de atividades que pudessem expandir a geração de renda no Nordeste entre diferentes atores e classes sociais. A inexistência do encadeamento da renda internamente atrofiou a economia marginal à produção do açúcar, impossibilitando a coexistência de crescimento demográfico, decorrente da expansão dos engenhos, e crescimento econômico. (FARIAS, 2019).

Com a não exploração de novas atividades produtivas, a economia continuou tendo como pilar a produção açucareira. Mas no século XVIII, com a diminuição da demanda e do preço do açúcar no mercado externo, o açúcar brasileiro entrou em declínio submergindo o Nordeste no momento mais crítico da sua economia. A diminuição do capital de investimento nos engenhos reduziu a capacidade produtiva de açúcar, resultando na ociosidade de parte da mão de obra que era empregada na atividade. Essa mão-de-obra ociosa foi absorvida pela pecuária, que se tornou muito comum por a necessidade de investimento ser baixa. A pecuária se desenvolvia prioritariamente no interior dos estados nordestinos, já que o litoral estava ocupado pela cana de açúcar.

Mais uma vez, uma das principais atividades da região, neste caso a pecuária, não encadeou outras atividades econômicas associadas. Esse encadeamento não se deu porque, enquanto o açúcar gerava grandes volumes monetários, a pecuária não tinha rentabilidade, ou seja, não gerava excedentes para a formação de uma atividade adjacente. A pecuária praticada no século XVIII era de subsistência e marcou o perfil que se formou na economia daquele momento com a “baixa produtividade do açúcar” e a pecuária de subsistência. Um caráter produtivo que permaneceria até meados do século XX. Depois da primeira metade do século XIX, com o novo crescimento do açúcar, mas que não chegou a ter a mesma força que teve no século XVI, a introdução do plantio de algodão e a continuidade da presença da pecuária de subsistência, essas se tornaram as três principais atividades econômicas no Nordeste.

O século XIX viu, no cenário da economia brasileira, uma nova estrela nas nossas exportações, o café. Nesse novo produto a concentração da produção se dava no Centro-Sul, o que provocou que o fluxo monetário também se fixasse nesse espaço, assim como os esforços de desenvolvimento planejados. Foi uma conjuntura determinante para o desequilíbrio de desenvolvimento entre as regiões brasileiras, já que regiões como o Norte e Nordeste foram negligenciadas, não foram consideradas para os planos desenvolvimentistas do governo.

Com a economia nordestina no século XIX baseada no açúcar, algodão e pecuária de subsistência, vemos no ano de 1877 acontecer a primeira grande seca, que trouxe um novo olhar nacional sobre a seca que passou a ser vista como um problema, e um dos possíveis causadores do subdesenvolvimento econômico da região. A baixa produtividade passaria a ser associada posteriormente às questões climáticas. Em 1877 foram iniciados mapeamentos de como a falta de água atingia a região e como esse quadro poderia ser revertido. As primeiras políticas públicas hídricas começaram a ser desenvolvidas nos anos finais desse século, e teriam continuidade e maior expressividade no século XX. (FARIAS, 2019, p. 18).

Com a seca sendo alocada pelas autoridades como um fator que definia o subdesenvolvimento da economia nordestina, as políticas que depois foram desenhadas para a região foram por um longo período apenas remediadoras, tomando a seca como causa dos problemas econômicos, e não entendendo as consequências da seca como resultado da estrutura econômica.

Durante o primeiro Governo Vargas, que trazia a proposta de um Estado moderno e nacionalista, as políticas e planejamento industrial eram direcionadas ao Centro-Sul, enquanto as políticas específicas para o Nordeste eram voltadas para as atividades que já eram desenvolvidas na região, sem buscar aplicar no Nordeste o espírito modernizador aplicado ao Centro-Sul, e davam continuidade às políticas de remediação contra a seca.

2.1 O que é identidade?

Neste capítulo, nos aprofundamos em eventos encadeados na formulação, reprodução, acolhimento e popularização do Nordeste narrativamente aquém das regiões Sudeste e Sul do Brasil. Mas para entendermos por que o funcionamento desses eventos contribui para a definição de uma determinada imagem nordestina, precisamos agora refletir sobre o conceito de identidade, porque, entendendo o mecanismo geral dos sistemas identitários, poderemos apontar como os ditos sobre o Nordeste correspondem a esses sistemas, ou seja, como eles perpetuam uma leitura homogeneizadora dos estados nordestinos.

Segundo o Dicionário Online de Português (2022), identidade refere-se ao conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento; semelhança; igualdade. Compreendido o significado, é preciso compreender também como essa palavra é socialmente vivida, e para isso caminharemos pelo funcionamento das identidades baseados nos trabalhos de HALL (1992) e Silva *et al.* (2003).

Para pensarmos identidade, podemos usar a seguinte metáfora visual: a identidade é a janela pela qual o sujeito vê e é visto, assim, essa janela é determinante em como se dá a integração entre indivíduo e seu entorno social. É ao assumir uma posição nessa janela que o indivíduo se torna sujeito, e é também através dela que fatores, a princípio, apenas biológicos (como ser mulher) e geográficos (como nascer no Brasil), por exemplo, tornam-se papéis sociais, identitários.

A janela funciona aqui como uma forma de mostrar que identidade se dá no contato, no meio social, como o sujeito responde ao seu meio e às situações. E, a partir do momento que se entende alguém como pertencendo a determinado grupo, é comum deduzir/supor quais serão suas respostas a determinadas questões, porque suas respostas, espera-se, serão consonantes ao que majoritariamente é apresentado por seu grupo.

Silva *et al.* (2003) traz um exemplo para tratar do aspecto relacional das identidades. Em uma guerra entre sérvios e croatas, dois povos que pertenciam à antiga Iugoslávia, estavam em guerra. Os soldados sérvios diziam que os croatas eram totalmente diferentes, e que estes viam os primeiros como inferiores. A autora argumenta que para aquela guerra existir aqueles povos têm que se entender diferente. A identidade também se dá pela diferença, por uma relação que está fora de mim e se contrapõe a mim. Em determinados momentos algumas diferenças são mais importantes do que outras ou do que mesmo as semelhanças. Ao se afirmar uma posição para o Nordeste, também se afirmaram características para outras partes do país, como o Sudeste.

Da seara de identidades às quais o sujeito se liga, uma das mais poderosas é certamente a identidade relacionada ao espaço nacional. Em determinadas circunstâncias, o sujeito vê a si mesmo a partir do seu pertencimento a uma nação, ou seja, não se mostra individualmente, mas sim por sua condição de brasileiro, jamaicano ou de qualquer que seja a nacionalidade. A cultura nacional passa a ser uma condicionante de como o indivíduo age e vê a si mesmo.

A identidade nacional possui um grande poder na identificação das pessoas, mas aqui direcionaremos os aspectos tratados na questão nacional para estudar a identidade regional. Dentro do Brasil certamente, o Nordeste é a região onde se construiu um maior sentimento de pertencimento e ligação à terra. As pessoas se identificam a partir da região não pelo estado específico.

As teias discursivas que projetam *Nordestes*, que projetaram a miséria e o subdesenvolvimento como o elo que une Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e Paraíba, são competentes em emaranhar e esconder os aspectos históricos e ideológicos dessa formação regional, naturalizando-a e tornando-se assim caminho comum usar essa formação discursiva ao se falar de Nordeste.

O Nordeste é composto por nove estados, extensão territorial de 1.558.000 km^2 , e uma população estimada de 57.667.842 de habitantes em 2021, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Nordeste possui as dimensões e diversidade que o equipara às medidas de um país, mas as representações que trabalharam no sentido de homogeneizar esse espaço e seu povo foram, e ainda são, tão constantes e eficientes que

o termo “nordestinidade” (assim como “brasilidade”, ou “italianidade” etc.) inclui-se entre aqueles que para Roland Barthes são exemplificadores de uma meta-linguagem particular, que extraindo do substantivo um adjetivo, presta-se a designar a ‘essência condensada’ de todos os signos que possam ser reconhecidos como nordestinos [...] Não certamente por acaso, a tematização do Nordeste [...] se efetiva predominantemente [...] a partir dos signos estigmatizantes da nordestinidade que se reportam [...] ao povo nordestino, que ganha estatuto de “quase raça”.(MAMEDE, 1996, p. 12)

Os processos de representação e simbolização deram uma forte identidade para o Nordeste, mas ao custo de empalidecer as diferenças entre os estados que o compõem, que é uma das formas pelas quais as identidades se justificam. Esse “esquecimento” das diferenças formulou tão eficientemente a unificação discursiva do Nordeste que alguns o entendem como um estado, não região, como vemos nestes comentários, extraídos da matéria 2:

- “[...] eu citei nordeste porque é o estado que mais recebem o bolsa família [...]”.

- *“Nordeste precisa ser desenvolvido. Ter estudo, ter geração de emprego e cultura. Ser um estado voltado a ter uma liberdade de escolha e não ficar refém do PT. Precisamos unir o Nordeste.”*
- *“Por isso que é um estado atrasado. Pouca gente boa, o resto que fiquem por lá, decretamos como um país e damos Lula de presente.”*
- *“Esta bosta de PT vende sonhos e entrega ao povo mais carente migalhas enbolsa riquezas e depois que consegue seu objetivo esquece finge que o estado do nordeste nem faz parte do Brasil, mais a palhaçada acabou a festa dessa corja chega ao fim e que a linpeza comece.*

Essas são algumas das percepções que resultam da obra discursiva de unificação identitária do Nordeste; os sentidos estão abertos, mas sempre controlados.

HALL (1992, p. 92) discute como “uma cultura nacional funciona como um sistema de representação”. Hall desenvolve, trazendo o conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson, que as nações diferem porque são imaginadas de formas diferentes, ou seja, o entendimento que se tem de um país e de sua população é formado e transformado pelas representações que o narram. Assim,

uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. HALL (1992, p. 50-51).

Como dito, Hall trata da cultura nacional, mas vemos a compatibilidade de transportar aspectos dessas reflexões de nível nacional para estudar a discursividade da identidade nordestina, pois, se no âmbito internacional “nordestinidade” não possui a distintividade com a qual aparece no próprio Brasil, nacionalmente, o Nordeste possui uma identidade bem marcada. Por assim ser, pensemos agora em algumas das estratégias discursivas elencadas por Hall no processo de “como é contada a narrativa da cultura nacional”, produzindo “representações [...] que dominam as identificações e definem as identidades” de um povo HALL (1992, p. 51).

A primeira estratégia discursiva trazida por HALL (1992, p. 52) é a “narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”. Nesse quadro, a partir desses variados formatos de se dizer essa comunidade, estabelecem-se símbolos e representações desta, ou seja, sistemas de representações das “ex-

periências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido” ao espaço, que justificam a unidade daquele território. E nós, “como membros de tal ‘comunidade imaginada’”, nos filiamos à história da região como sendo nossa história. Essas narrativas fixam o território como “foco de identificação” para quem o habita ou se sente ligado a ele.

A segunda forma destacada por HALL (1992, p. 53) é a “ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade”. Nesse ponto, a identidade ligada ao espaço é representada como essência, ou seja, como sempre presente na natureza original de tudo e todos ligados àquele espaço. Assim, se dá o sentimento de pertencimento, ligação e lealdade à região, tornando os atos praticados por um determinado grupo e em outros tempos como algo que se refere a nós, nos incluindo nessa história: nós somos a região, nós somos o nordestino forte.

Como apresentado até aqui, HALL (1992) coloca a construção da identidade como processos discursivos que dão sentido e justificam a ligação entre pessoas que ocupam determinado espaço e ligação destas com a história da região. Esse processo fica melhor entendido com o apoio do trabalho de Orlandi (1993) sobre a questão de discurso fundador, que é inicialmente definido pela autora como, “em relação à história de um país, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país”(ORLANDI, 1993, p. 7). A questão é entender “como eles se estabilizam como referência básica na construção da memória” (ORLANDI, 1993, p. 7) coletiva.

2.2 O espaço inóspito

Por meio do contato entre a vida e o espaço, o indivíduo cria um modo de habitar, entrelaçando suas necessidades e as características daquela terra, de como ela pode acolher a vida humana. A partir disso, o espaço é significado pela cultura, ganhando, além de sua dimensão física, uma dimensão ideológica, cultural, tecnológica.

Como já citado, a territorialidade é um aspecto constitutivo da identidade de um sujeito, já que o espaço possui características que o tornam um “quem”, o personalizam, naturalizam e mistificam. Esse processo de personificação do espaço acontece dentro de estruturas históricas, sociais e ideológicas, que o significam, dão a ele valores simbólicos e, consequentemente, o adjetivam. Um local é só mais um lugar com suas características geológicas e biológicas, não é bom ou ruim; é a partir da presença da vida, especificamente da vida humana, que pode ser tomado como hostil, desagradável, fértil, ou seja, passa a ser avaliado por sua compatibilidade com nossas necessidades. Nas complexas sociedades humanas, a construção da

dimensão cultural dos territórios passa pelo contato direto entre homem e espaço, mas também pela representação, a forma como se faz ver essa relação; representação feita em diferentes contextos e por diferentes atores sociais.

Para tratar da construção identitária que formulou um Nordeste como ambiente inóspito, partamos da análise de Junior (2013) sobre a qualidade de inóspito do espaço elaborada por Vilém Flusser. Explorando a camada etimológica da palavra inóspito, Flusser traz que inóspito vem do latim *hospitalitas* que significava “condição do estrangeiro” (JUNIOR, 2013). Tratando de outros núcleos de significados de palavras em latim que estão ligadas a *hospitalitas* trazidas pelo autor, temos inóspito como “a qualidade do espaço que abriga o hostil” possuindo também o “sentido de estrangeiro, o sentido de hospitalidade, de hospitalidade ao estrangeiro, o sentido do viajante [...] e o sentido do inimigo”, ou seja, “inóspito é um conceito originalmente espacial” (JUNIOR, 2013, p. 1).

Apesar de outras representações sobre o Nordeste se fazerem presentes na mídia e em outros meios, o que ainda prevalece no imaginário nacional são representações que homogeneizam os nove estados da região em torno da paisagem do semiárido, o que não corresponde à diversidade dos estados e nem à diversidade cada vez maior da sub-região nordestina sertão.

Como o termo inóspito está ligado à espacialidade, “ao rude, ao áspero”, tomaremos-o como palavra-chave do quadro imagético das paisagens nordestinas. Isso porque, devido a múltiplos processos discursivos contínuos, quando a palavra Nordeste é citada, o cenário da seca associada à caatinga se põe à frente das outras paisagens nordestinas. Assim, entre os tantos exemplos que significam sertão como o inóspito, sintamos a aspereza da caatinga formulada por Euclides da Cunha:

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas. Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... CUNHA (1984, p. 19).

Esta visão abreviada que sempre olha para a mesma sub-região nordestina e lê a caatinga como natureza morta, ainda está perigosamente aparentada com a dos brasileiros de dezenas de décadas atrás. Uma visão formulada pela literatura, conhecimento popular, pelo impacto que as quadras de seca extrema causavam e em muito também pelo desconhecimento

que se tinha entre Sudeste e Nordeste. A grande distância entre as duas regiões e as tecnologias ainda limitadas, tornavam o Nordeste um planeta distante, com pouco acesso fotográfico. Dada a formulação do Sudeste como potência econômica brasileira, a visão que se tinha nessa região sobre as demais possuía predomínio nacional. No Sudeste, a imagem passada do Nordeste, em diferentes meios, era de um lugar pobre, estagnado, sem história (ALBUQUERQUE, 2011).

A imagem do sertão se tornou o rosto do Nordeste, o elemento-chave para narrativas que buscam um reconhecimento imediato. Isso significa tratar as outras faces desse espaço como figurantes, mas, ao estudar as representações do Nordeste durante o período Vargas, Almeida (2014) em sua tese de doutorado afirma que, mais do que o Nordeste resumido ao sertão, a cobertura jornalística apresentou repetidamente o semiárido como um espaço sem história, reduzindo-o a um palco de natureza inóspita onde homens e mulheres lutam contra a seca.

Para entender melhor como o sertão era representado, Almeida (2014) tomou como objeto de estudo também manuais escolares publicados entre os anos de 1880-1945. A partir dessas fontes e das revistas ilustradas, a autora concluiu que o sertão, suas gentes e a vida rural eram temas invisibilizados nesses meios, não eram divulgadas imagens que os representassem. O que se mostrava do Nordeste nos manuais escolares era a arquitetura dos grandes prédios de suas capitais, que correspondiam ao que via no Sudeste, buscando assim, obedecer a um projeto ideológico que queria mostrar o que havia de homogêneo no país, não sua diversidade de vida e espaços. Assim, conclui-se que o sertão foi por muito tempo um mundo visualmente distante para as populações do Sudeste e Sul, mesmo depois da ascensão da fotografia, porque havia um projeto ideológico oficial da construção de Brasil civilizado⁶ e homogêneo, ou seja, arremedando a Europa tanto nos modos de vida quanto na marginalização de populações. E o sertão era visto como incompatível a esse projeto de Brasil, porque este estava carregado de racismo, já que o entendimento que se tinha no período era de que o sertão destoava desse projeto por possuir uma grande população mestiça.

A seca é parte da natureza do sertão semiárido nordestino, e sempre o foi. Há relatos sobre esse fenômeno climático nas Províncias do Norte desde o período colonial, descrevendo

⁶ Ao tratar da ideia de civilização a partir dos postulados de Norbert Elias, Zimmermann (2008) diz: “civilização é um conceito que se liga a diferentes fatores: desenvolvimento das técnicas, costumes, conhecimentos científicos, ideias religiosas e visões de mundo. Esses fatores traziam à tona a imagem que o Ocidente nutria de si mesmo. Primeiramente, expressava o sentimento de superioridade das chamadas classes superiores sobre as consideradas inferiores e depois passou das nações ocidentais como um todo sobre as demais regiões no mundo com vistas à legitimação da colonização. Essas sociedades procuravam caracterizar-se pelas suas especificidades e com aquilo que lhes conferia orgulho [...]. Essas especificidades, tais como atitudes, sentimentos e modos de conduta, eram tidas como ‘naturais’”.

a morte de pessoas escravizadas e prejuízos na agricultura e pecuária, já exigindo de muitos o deslocamento em busca de áreas mais úmidas, como serras e brejos (ROCHA *et al.*, 2015). Existindo desde sempre, as estiagens ganharam contorno social, político e econômico à medida que sociedades cresciam em seu solo de predominância, por isso, há muito a seca deixou de ser apenas uma questão climática e se tornou marca identitária.

Em uma narrativa, é importante a interligação dos atos, e na narrativa de construção e reprodução do Nordeste, o que tem conectado os elementos de nossas histórias é a seca. Se pensarmos na rede semântica associada ao Nordeste, percebemos que muitos dos principais termos dessa teia estão diretamente conectados com a falta de chuva, ou, mais precisamente, são resultados do nosso lidar com ela: a pobreza, tanto das pessoas quanto do solo; a emigração, já que nos períodos de estiagem ocorriam os grandes volumes de retirantes; o conceito de que nordestinos são sustentados pelo Sul e Sudeste, ideia formulada a partir das obras de combate aos efeitos da seca promovidas pelo Governo Federal, e até mesmo a visão de uma burguesia regional corrupta, já que, como o estudo dos sistemas de poder provam, enriqueciam e mantinham seu sistema de poder dentro de suas oligarquias desviando recursos públicos de combate à fome e à sede em benefício próprio seu e dos seus, até a origem do Nordeste, antes chamado de Norte seco, que foi delimitado segundo a área de ações do governo contra as secas. E aqui podemos ecoar a queixa de Freyre (2004): Nordeste foi feito sinônimo de seca.

Uma questão fundamental sobre os períodos de estiagem na região Nordeste é o sistema que se tornou conhecido como “indústria da seca”⁷. Tendo sido estruturada a partir de relações de poder vivas dentro de sistemas oligárquicos, a Indústria da seca era o desvio e apropriação de verbas, obras e demais recursos públicos destinados ao combate da seca, ou seja, uma forma de manejar “a estiagem para reprocessar um poder que diminui espaços de cidadania” (FERREIRA, 1993, p.9).

Como apresenta Rocha (2015), até mesmo políticas como a de açudagem terminavam beneficiando interesses particulares, pois os açudes eram construídos em pontos estratégicos para beneficiar os donos de terras. Assim, os poderosos ganhavam duplamente, já que se tornavam proprietários dos recursos e a população, que continuava desassistida em suas necessidades básicas, tornavam-se ainda mais dependente desses coronéis, até mesmo para ter água. Então, os

⁷ O termo “indústria da seca” foi cunhado pelo jornalista e escritor Antonio Callado quando, em 1959, viajou ao Nordeste como enviado do jornal *Correio da Manhã* para investigar o sistema social responsável pela perpetuação dos problemas da seca na região. A partir dessa viagem, Callado produziu uma série de reportagens para o *Correio da Manhã*, reunindo-as posteriormente em seu livro *Os industriais da seca e os “galileus” de Pernambuco* (QUELER; ZANGELMI, 2020).

problemas dos longos períodos sem chuva eram perpetuados por essa “indústria” porque isso significava

... muito dinheiro do governo chegando para o comércio, para financiar as frentes de trabalho etc. A seca é um negócio. Na Paraíba, por exemplo, havia as fortunas feitas pela seca; diversas fortunas de Campina Grande decorriam de vantagens públicas. Isso mostra a ligação entre a máquina política, o controle da administração... E o latifundismo. PEREIRA e FURTADO (1998, p. 25).

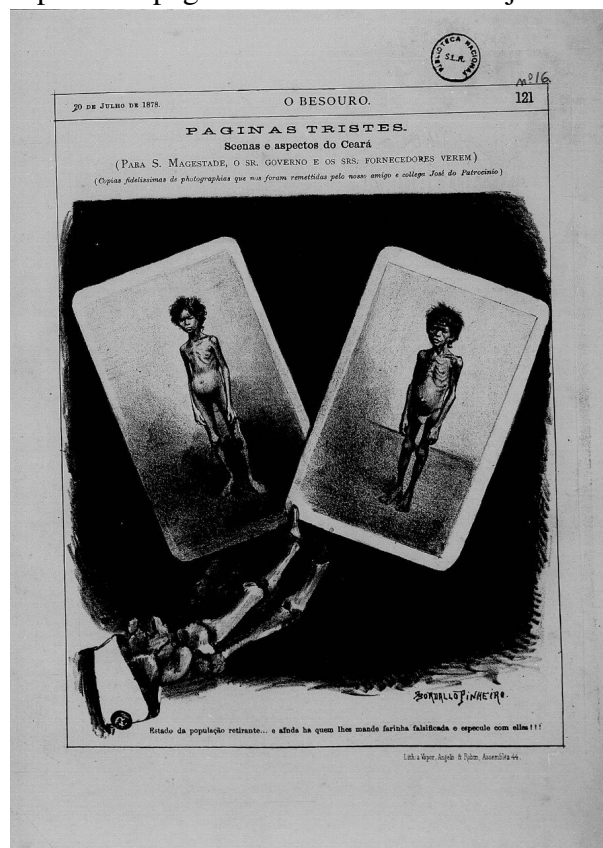
A seca de 1877-1879 marcou uma mudança no padrão de cobertura jornalística e a ampliação da presença do sertão nas páginas de periódicos. Mesmo que em publicações de grande circulação como *O Cruzeiro* o sertão permanecesse como tema pouco presente até a década de 1940, diversos jornais durante A Grande Seca direcionaram seus profissionais em busca do rastro da seca, marcando o descobrimento jornalístico do sertão e também ações pioneiras na cobertura jornalística.

Almeida (2014) trata em sua tese, a partir do estudo de Andrade (2004) sobre a fotorreportagem no Brasil, das críticas dos jornais sobre a condução dada pelo governo à questão da seca do final do século XIX, e como um dos exemplos disso estão denúncias feitas pelo jornal *O Retirante*: órgão das vítimas da seca durante esse período afirmando que o governo administrava a situação da seca de forma a tentar escondê-la do restante do país. Apesar do esforço dos órgãos governamentais, a calamidade associada àquela estiagem chegou às páginas de notícias e como conclui Albuquerque (2011) “as primeiras imagens do Norte para a maioria dos sulistas eram aquelas trazidas pelos jornais sobre seu flagelo”. Além do ineditismo no tipo de representação do Nordeste, esse também foi momento de construção do caráter informativo das imagens; ANDRADE e Logatto (1994, p. 74) sobre as fotografias de vítimas da seca no Ceará 1877-78 feitas pelo cearense Joaquim Antônio Correia: “o resultado das pesquisas sobre esse conjunto demonstrou estarmos diante dos originais fotográficos a partir dos quais se materializou uma das primeiras tentativas de utilização da fotografia pela imprensa brasileira [...] como documento comprobatório de uma verdade [...]”.

Além da cobertura feita pelos jornais nordestinos, alguns jornais cariocas também seguiram o rastro da seca e dos emigrantes nordestinos. O periódico do Rio de Janeiro *Gazeta de Notícias* enviou, em 1878, o jornalista José do Patrocínio para fazer a cobertura jornalística da situação no Nordeste e da aplicação dos recursos de combate à seca. Patrocínio colaborou também com o jornal *O Besouro*, enviando, inclusive, em 1878 para a redação desse jornal fotografias de pessoas atingidas pela seca. Essas imagens potencializavam e ilustravam para a

população do Sudeste a situação dos flagelados da seca que Patrocínio vinha descrevendo na Gazeta de Notícias. Essas fotografias foram reproduzidas como ilustração litográfica produzida pelo chargista Rafael Pinheiro Bordalo na primeira página do número de 20 de julho de 1878. A ilustração litográfica observada na Figura 2 mostra a mão de um esqueleto humano segurando duas cartes-de-visite que retratam vítimas da seca (ANDRADE; LOGATTO, 1994).

Figura 2 – Representação das vítimas da seca pelo chargista Rafael Pinheiro Bordalo no jornal O Besouro na primeira página do número de 20 de julho de 1878.



Fonte: J.A. Correia. Secca de 1877-78, 1877-1878. Ceará/Acervo Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

Apesar de não ter sido creditada, a ilustração litográfica produzida por Rafael Pinheiro Bordalo é uma reprodução das fotos do fotógrafo cearense J. A. Correia. As fotos usadas na ilustração litográfica da Figura 2 e as apresentadas na Figura 3, fazem parte de uma coleção de 14 fotos na qual o fotógrafo cearense retrata as vítimas da seca no Ceará entre 1877 e 1878. Essas imagens, ainda hoje muito conhecidas, tiveram um papel de denúncia, mostrando corpos esculpidos pela fome, trazendo aos leitores do Sudeste as primeiras referências visuais do que era a seca no Nordeste.

Figura 3 – Vítimas da seca no Ceará (1877-1878) fotografadas por J. A. Correia.



Fonte: J.A. Correia. Secca de 1877-78, 1877-1878. Ceará/Acervo FBN.

Diante do impacto da seca de 1877, como o maior fluxo migratório visto até aquele período nos estados nordestinos, que chegou a atingir um quarto da população do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba foi um momento em que começou a se consolidar o retirante como um grupo identitário, um grupo que passava a ser entendido e associado a certas características.

Pelo grande volume de pessoas que imigravam para as capitais e outras cidades, os retirantes foram sendo associados a pessoas derrotadas e expulsas de sua casa pela natureza inóspita e, chegando aos centros urbanos, e não tendo uma estrutura adequada para se inserir na cidade, passou a ser associado também ao caos urbano e desorganização. Ou seja, os retirantes passaram a ser vistos como vítimas do sofrimento e também símbolos da desordem, já que nos discursos oficiais, o caos urbano durante desse período de imigração era associado à figura dos imigrantes, apesar de que o caos se dava pelo despreparo dos administradores públicos em lidar com a seca no sertão e também em não oferecer estruturas adequadas para receber essas famílias.

Nesse momento, como se consolidava a identidade e associações do retirante nordestino, mesmo que dentro do próprio Nordeste, vemos que, desde a gênese, a noção de indesejáveis passa a ser acoplada à imagem do retirante, que em muito, no imaginário nacional, se mescla com a do nordestino em geral.

3 O BRASIL DE 2018

Em 2018, “tóxico” foi eleita a palavra do ano pela *Oxford Languages (2018)*. Segundo a própria instituição “A *Oxford Word of the Year* é uma palavra ou expressão que reflete o *ethos*, humor ou preocupações do ano que passa e tem potencial duradouro como um termo de significado cultural”. Se pudéssemos definir a palavra do ano em 2018 no Brasil, esta seria “polarização”, nosso país estava dividido em dois principais polos: o do antipetismo, representado por Jair Bolsonaro, e o daqueles ainda simpatizantes, ou ao menos tolerantes, ao PT.

Esse tipo de polarização pela sobreposição de temas também pode ocorrer quando “novos temas” (i.e. temas que não eram politizados) se tornam politicamente relevantes. No Brasil, tudo indica que o espaço político é bastante unidimensional. Questões identitárias, religiosas e de costumes não registravam como relevantes para a política eleitoral e partidária até a virada do século. A partir de então, foram incorporadas de forma a acentuar as diferenças entre esquerda e direita. O DEM, por exemplo, nunca havia sido um partido “moralista”, mas vimos recentemente um candidato como Eduardo Paes, que tinha posições progressistas porém não muito conspícuas nos costumes no início da sua carreira, “ser forçado” a assumir posições bem mais conservadoras. Em outro exemplo interessante: o PT, que nos anos 1980 e 1990 decidira não “fechar questão” contra o aborto por conta da importante “ala católica” do partido, suspendeu em 2009 deputados que era militantes contra o aborto. Ambos os movimentos ilustram tanto a crescente importância de novos temas quanto a sua sobreposição à tradicional clivagem esquerda-direita. Hoje, temas de identidade de gênero e racial são apoiados pela esquerda, enquanto identidades “cristãs” e a “preservação da família” estão alinhadas com a direita. Como nesses temas há menos espaço para “meios-termos” do que em questões econômicas, é mais difícil lidar com a polarização. (ZUCCO, Revista Piauí, 2020).

O grupo antipetista, poderia ainda ser estilhaçado - difícil determinar em quantas pedaços - por diferentes demandas principais. Uma parte desse grupo realmente era guiada pelo sentimento antipetista. Entretanto, questões religiosas, sociais e ideológicas guiavam os demais subgrupos, mascarados com o discurso conta o Partido dos Trabalhadores.

O ano de 2018 foi eleitoralmente atípico, mas todo o cenário visto esteve sendo formado ao longo dos anos anteriores, tendo como marco as manifestações de 2013 e o *impeachment* de Dilma Rousseff. O cenário de 2018 também só foi possível por características seculares e coloniais de nosso país que persistem, pois favorecem classes dominantes. O que poderia se esperar em 2018, com o sangramento que o PT vinha sofrendo nos últimos anos, era que o PSDB tomasse o posto de primeiro lugar nas votações eleitorais, mas, muito pelo contrário, em 2018 o PSDB teve a sua pior votação desde a redemocratização numa votação para presidente (UOL, 2018c).

“Desde 1994, dois – e os mesmos dois – partidos têm controlado as eleições presidenciais. O comportamento dos eleitores é altamente previsível”. Essa é a constatação trazida pelos pesquisadores Limongi e Guarnieri (2014), que fazem uma avaliação geral dos processos eleitorais (1989 - 2014) decorridos após a redemocratização no Brasil. Os dois partidos citados pelos autores são o PT e o PSDB, cujos seus candidatos se tornaram tradicionalmente os mais votados nas eleições presidenciais. Essa tradição eleitoral se iniciou em 1994 e se repetiu até 2014.

Desde 1994, a votação conjunta desses dois partidos variou entre 70% e 90% dos votos válidos. Considerando as três maiores votações, a variação se estende de 87,5% a 98,9% dos votos válidos. Assim, descrever as tendências gerais é acompanhar a evolução da votação recebida pelo PT, pelo PSDB e por um “desafiante”. (...) Se as bases de apoio de um desses partidos mudam, a do outro, necessariamente, também se alteram. (LIMONGI; GUARNIERI, 2014).

Braga e Zolnerkevic (2020), ao estudar o padrão de votação nas eleições presidenciais brasileiras (1989-2018), tratam do processo de desalinhamento eleitoral a partir dos estudos de Dalton *et al.* (1984) e Dalton *et al.* (2003). Segundo os autores, o desalinhamento seria um afastamento/não identificação dos eleitores dos partidos políticos tradicionais por não sentirem suas demandas atendidas e também por questões como escândalos de corrupção e outras relacionadas ao período específico.

Na prática, o processo de desalinhamento resulta em uma diminuição da importância dos estímulos de longo prazo sobre o voto dos eleitores, como as identidades partidárias, que [...] são fatores estabilizadores dos apoios eleitorais. Assim, os eleitores acabam sendo mais influenciados por estímulos de curto prazo relacionados aos acontecimentos do período eleitoral, fazendo com que os resultados das eleições se tornem cada vez mais imprevisíveis e voláteis. (BRAGA; ZOLNERKEVIC, 2020, p. 10).

Em períodos de crise, aspectos de curto prazo podem determinar o resultado eleitoral: “a eleição de 2018 pode ser considerada ‘desviante’ devido a causas de curto prazo fortes (crise econômica, política, impeachment da ex-presidente Dilma, prisão do ex-presidente Lula e atentado contra o então candidato Bolsonaro)” (BRAGA; ZOLNERKEVIC, 2020).

Em 2018, mais uma vez, o que se deu foi PT *versus* antipetismo. Dessa vez, Bolsonaro ocupou o posto que representa os antipetistas. Bolsonaro, se colocou como um *outsider* da política, o anti-política, apesar de seus longos mandatos como deputado. O Brasil vivia um momento de descrédito na política muito forte, mesmo sendo tradicional desacreditar dos políticos, 2018 teve este sentimento exacerbado, foi um momento de divórcio de parte do eleitorado brasileiro dos partidos tradicionais.

Estudiosos do tema, ou mesmo a massa de eleitores, podem perceber esse padrão eleitoral que havia se estabelecido na escolha presidencial, mas que foi quebrado em 2018. Desde 1989, o PT de Lula havia se estabelecido como o representante de uma grande parcela da população, mas, até as eleições de 2002, o PT sempre terminava a corrida eleitoral em 2º lugar. Muitas ações, tanto do PT quando do PSDB, e outros fatores, precisaram se encadear para que Lula se tornasse pela primeira vez o presidente brasileiro, mas um dos grandes destaques disso foi a reformulação da sua imagem e a adoção de um tom mais ameno e promessas de conciliação. Nesse período o Lula foi muitas vezes chamado de “Lulinha paz e amor”, mostrando que o Lula de 2002 não era mais o mesmo das eleições anteriores, era uma nova versão para conseguir a confiança e voto de uma parcela da população que se mostrava temerosa às ideias mais reformadoras apresentadas por Lula ou imputadas a ele por seus adversários.

Como, diante de um país que costumava tomar posições mais de centro, o Brasil virou à direita, à direita extrema, e elegeu Bolsonaro?

3.1 PT *versus* antipetismo

Um dos lados mais debatidos da polarização nas eleições de 2018 foi o do antipetismo, a rejeição a um partido que foi tão bem formulada ao longo dos anos que chegou até a ganhar nome. Para alguns, o antipetismo em certas camadas também poderia ser chamado de racismo, preconceito de classe, rejeição à distribuição de renda; para outros, é sinônimo de anticorrupção, anti políticas de concessões às grandes corporações e instituições financeiras. Olhando para a esquerda e para a direita antes de continuarmos a discussão deste trabalho, vemos que os bem e mal feitos dos governos Lula e Dilma Rousseff, dentro da cultura política e midiática brasileira, estavam nas razões de nascimento e crescimento do antipetismo.

Alguns dos *slogans* de quem embarcou no movimento antipetista foram: “partido responsável pelo maior escândalo de corrupção de todos os tempos”, “voto de cabresto”, “o PT destruiu o país”, até frases de futuros extremamente ficcionais como “o PT vai tornar o Brasil um país comunista”, “a implantação da ideologia de gênero”. Pelo que o PT fez, pelo que ele não fez, quebrando expectativas da base histórica que votou no partido por décadas, e pelo que seus adversários conseguiram fazer que muitos brasileiros acreditassem que o PT faria, nasceu e cresceu o antipetismo. Muitos chegaram a classificar o antipetismo como uma força, uma força política que elegeria Bolsonaro, usando essa situação como motivação para que o PT se retirasse da vida política no âmbito presidencial.

Nomes da mídia tradicional, como por exemplo, a rede Globo, nunca conseguiram se manter isentos ou manter eticamente controlada sua animosidade em relação ao que Lula representava. Um dos capítulos mais icônicos e amargos do jornalismo brasileiro foi a manipulação feita pela Globo no debate entre Fernando Collor de Mello e Lula em 1989¹. Alguns dos diretores da Globo orientaram Collor a como agir antes do debate. Além de colocarem uma pasta cheia de papéis em branco alegando serem acusações contra Lula, no dia seguinte a emissora produziu cortes que favoreciam Collor, uma edição que tinha a clara intenção de mostrar que Lula havia perdido o debate. Esse é um exemplo de quão longa é a difícil relação entre Lula e a mídia.

Qualquer um cujas impressões de seu governo viessem da imprensa econômica internacional teria um choque ao deparar com o tratamento dado a Lula na mídia brasileira. Praticamente desde o início o Economist e o Financial Times ronronaram satisfeitos com as políticas pró-mercado e a concepção construtiva da presidência de Lula, frequentemente contrastada com a demagogia e a irresponsabilidade do regime de Chávez na Venezuela: nenhum elogio era demasiado para o estadista que colocara o Brasil no curso inabalável da estabilidade e da prosperidade capitalistas. O leitor da Folha ou do Estadão, para não falar da revista Veja, estava vivendo em um mundo diferente. Normalmente, em suas colunas, o Brasil estava sendo mal governado por um grosseiro aspirante a caudilho, sem a menor compreensão dos princípios econômicos ou respeito pelas liberdades civis, uma ameaça permanente à democracia e à propriedade privada. (ANDERSON, 2011, p. 36)

A partir de 2005, com a revelação sobre aquele que seria famosíssimo em nosso país e tratado pela mídia como o maior esquema de corrupção brasileiro, o Mensalão, iniciava-se um processo até hoje insuperado de associação entre PT e corrupção. O discurso sustentado pelo PT de quebra dos esquemas de corrupção soavam agora como demagogia. Líderes importantes do PT e do governo eram pilares nas negociações com lobistas, e até mesmo o marqueteiro da campanha de Lula, Duda Mendonça, revelou que foi pago por seu trabalho na campanha por meio de caixa 2 (ANDERSON, 2011). Até hoje, nomes como Pallocci, Dirceu e o termo Mensalão assombram os petistas e, a cada vez que tais nomes são citados, falhas do PT são lembradas e voltam a ferir o discurso do partido. Anderson (2011) traz um panorama dos escândalos que desabrocharam na primavera de 2005 durante o primeiro mandato de Lula:

o líder de um dos menores partidos do Congresso (havia então uma dezena deles), pressionado depois que um de seus homens de confiança foi filmado recebendo propina, reagiu com a revelação de que o governo comprava o voto dos deputados de modo sistemático pagando 7 mil dólares ao mês para cada um deles, assegurando assim a maioria na Câmara.

¹ Ver documentário *Beyond Citizen Kane* (1993), escrito e dirigido por Simon Hartog, e produzido por John Ellis.

O encarregado da operação era o chefe de gabinete de Lula no Palácio do Planalto, José Dirceu; o dinheiro era proveniente de fundos ilegais controlados pelo PT e distribuídos pelo seu tesoureiro, Delúbio Soares. Poucas semanas depois dessa bomba, um assessor do irmão do presidente do PT, José Genoíno, foi preso ao tentar embarcar em um voo com 200 mil reais em uma mala e 100 mil dólares escondidos na cueca. Um mês depois, o chefe de campanha da candidatura de Lula à presidência, Duda Mendonça [...] confessou que sua campanha fora financiada pelo “caixa dois” obtido de bancos e empresas interessados, em uma violação da lei eleitoral, e que ele mesmo havia sido recompensado por seus serviços com depósitos secretos numa conta nas Bahamas. Em seguida, foi a vez de um dos confidentes políticos mais próximos de Lula, o ex-líder sindical Luiz Gushiken, que, sob fogo cruzado pelo desvio dos fundos de pensões para fins políticos, foi forçado a renunciar ao cargo de secretário de Comunicação. (ANDERSON, 2011, p. 24-25).

Anderson (2011) aponta que a salvação de Lula e sua reeleição em 2006 veio do crescimento econômico, baseado fortemente no *boom* das *commodities* e, a partir do crescimento econômico, o seu “compromisso com os pobres”, tendo como principal prova de cumprimento, o Bolsa Família. Para Singer (2009), o Lula de 2002 conseguiu chegar em um ponto de equilíbrio que oferecia garantias de não radicalismo aos bancos e aos proprietários do Brasil, mas também, o que poderia parecer ilógico, também aos mais pobres, que temem movimentos mais exaltados.

Ser o pai do Bolsa Família, programa tatuado como marca de seu governo e uma das bandeiras nas reeleições presidenciais do partido, aproximou o então presidente da parcela mais pobre da população. Essa aproximação se deu ainda pelo fator identificação, pois mostrou que, pela primeira vez, os cidadãos tinham como Presidente da República, um brasileiro de origem pobre, retirante nordestino, que trabalhou como metalúrgico e tinha poucas perspectivas de ascensão social, mas que tinha chegado ao cargo de chefe do Executivo. Segundo Anderson (2011), as políticas sociais de Lula tiveram um efeito material de melhoria das condições de vida da população, e também simbólico, o povo estava se sentindo cuidado pelo Estado.

Esse mote de identificação foi muito usado pelo PT, inclusive, na campanha eleitoral de 2006, um dos *jingles* produzidos, “Nós por ele, ele por nós”, exaltava a origem trabalhadora de Lula e reforçava que ele era o povo e governava a partir do interesse do povo, numa relação de apoio mútuo e recíproco:

Não adianta tentar me calar
Nunca ninguém vai abafar a minha voz
Quando o povo quer ninguém domina
O mundo se ilumina, nós por ele, ele por nós
O mundo se ilumina, nós por ele, ele por nós

O Brasil quer seguir em frente
 Com o primeiro homem do povo presidente
 Ele sabe governar com o coração
 E governa pra todos, com justiça e união
 É o primeiro presidente
 Que tem a alma do povo e tem a cara da gente
 São milhões de Lulas povoando este Brasil
 Homens e mulheres noite e dia a lutar
 Por um país justo e independente
 Onde o presidente é povo e o povo é presidente
 Por um país justo e independente
 Onde o presidente é povo e o povo é presidente
 Nós estamos aqui de novo, cantando
 Um sonho novo pra sonhar
 Nós estamos aqui de novo, lutando
 A esperança não se cansa de gritar
 É Lula de novo com a força do povo! (4x)

Lula teve um início de mandato complexo, enfrentando dificuldades para ajustar a economia. Por exemplo, o Fome Zero, sua primeira tentativa de distribuição de renda aos mais pobres, não conseguiu cumprir os objetivos, dada uma má administração e distribuição deficitária (ANDERSON, 2011). Entretanto, o final do mandato em 2010 foi excelente, terminando com 83% de aprovação (DATA FOLHA, 2010).

Dada essa alta aprovação de seu governo, Lula empregou sua força eleitoral para eleger seu sucessor. Dilma Rousseff foi a primeira mulher eleita Presidente da República do Brasil com 56,05% dos votos válidos (TSE, 2010), assumindo o posto em primeiro de janeiro de 2011. Tendo integrado os dois mandatos presidenciais de Lula, primeiro como ministra de Minas e Energia (2003-2005), e depois como ministra da Casa Civil (2005-2010), Dilma deu sequência às políticas adotadas no governo anterior, mantendo os programas sociais e as pautas neoliberais. Entretanto, uma frase famosa pode resumir o contraste no jeito de governar dos presidentes petistas: “O Lula dobra, mas não quebra, e a Dilma quebra, mas não dobra”. Talvez tenha sido a concessão o que faltou à Dilma para se manter no poder.

Diferentemente do seu antecessor, Dilma teve um início de governo rodeado de

perspectivas positivas, mas com um final dramático e cheio de controvérsias. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, Dilma teve 59% de aprovação no final do primeiro ano de governo, maior porcentagem de um presidente desde a queda da Ditadura Militar (BBC NEWS BRASIL, 2015). Todavia, após uma série de acontecimentos, incluindo os protestos de junho de 2013, a Copa do Mundo e o início da operação Lava a Jato, Dilma terminou o primeiro ano do seu segundo mandato com uma reprovação de 62%, segundo o Datafolha.

O desgaste do governo Dilma vinha se dando pelas forças destrutivas da crise econômica que se deu sob sua gestão, a crise política, tendo um de seus sinais a contestação do resultado eleitoral por parte de Aécio Neves, que disputou o cargo com Dilma em 2014, e também por denúncias de corrupção que estavam sendo investigadas na Operação Lava Jato. Em meio a esse contexto, o alinhamento da vontade popular com os interesses políticos, gerou as condições necessárias para o processo de *impeachment* de 2016. Dilma Rousseff foi afastada no dia 31 de agosto de 2016 (Figura 4). A imagem do PT estava extremamente fragilizada.

Figura 4 – Dilma Rousseff em seu pronunciamento após a aprovação do seu *impeachment*.



Fonte: Brazil after Dilma Rousseff. The New Yorker.

3.2 Jair Bolsonaro

Desde 2014 o conservadorismo vinha ganhando espaço, apresentando uma expansão das bancadas Evangélica² e da Bala³, assim como o aumento no número de policiais assumindo cargos de deputado (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018). Nesse contexto, Jair Messias Bolsonaro desponta como um representante desses grupos e um possível nome à Presidência da República.

² Nome dado ao grupo que defende pautas evangélicas.

³ Nome dado ao grupo de parlamentares que defende o porte de armas

Jair Bolsonaro tinha um perfil que se destacava por suas constantes colocações contra grupos minoritários e em defesa da família tradicional, por seu posicionamento religioso alinhado com seu discurso armamentista, a defesa das Forças Armadas e da Ditadura Militar, e pela figura *antissistema*. Baseado nessas pautas e em um discurso de ódio, Bolsonaro lançou-se como candidato a presidente do Brasil.

Bolsonaro utiliza o discurso do medo para respaldar-se num país em que há a construção de um imaginário no qual o delinquente é sempre um “outro” distante do “cidadão de bem” e que obstrui o bom andamento da sociedade. Os aspectos identitários da vida policial como a valorização das tradições, da moralidade cristã e a espetacularização dos embates são transpostos para a vida política como forma de justificativa da proteção desses “cidadãos de bem”, o que aponta para uma cidadania cindida pela desigualdade abertamente admitida entre aqueles que merecem usufruir de seus direitos - em especial, o direito à vida- e aqueles que abandonaram o direito à cidadania para entrar no crime. (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018)

Uma das principais bandeiras levantadas no discurso de Bolsonaro, foi a oposição ao PT. Jair se dizia anticorrupção e anticomunista, e, portanto, antipetista. A tabela da Figura 5, extraída de Albernaz (2019), apresenta as características das falas de Jair Bolsonaro expressas entre o segundo semestre de 2017 e agosto de 2018, segundo um estudo realizado pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento de Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) liderada por Vargas *et al.* (2018). Nessa análise, há dois sujeitos: o “**nós**”, que representa os “cidadãos de bem”, e o “**eles**”, os “esquerdistas”.

Quando consolidou-se como candidato a presidente, Bolsonaro continuou apresentando falas “violentas” e marcadas pelo extremismo, mas precisou mudar algumas de suas colocações. Um exemplo dessa mudança, se dá com relação ao seu posicionamento com relação a programas sociais, como o Bolsa Família. Bolsonaro, ainda deputado, disse ⁴:

1. *“No nordeste você não encontra ninguém para trabalhar na sua casa.”*
2. *“Elas batem a mão na barriga e dizem esse vai ser uma geladeira.”*

Bolsonaro usa aqui um estereótipo comum entre os críticos do Bolsa Família, o de que os beneficiários do programa são acomodados e atribui a eles a culpa da sua própria marginalização social. Já em 2018, Bolsonaro então candidato à presidência, muda seu discurso e passa a defender o programa social:

A mais estapafúrdia que existe, em especial na região Nordeste, é a de que eu iria acabar com o Bolsa Família. O Bolsa Família é um projeto humanitário. Muita gente precisa dele para sobreviver. Jamais pensaria em acabar com um

⁴ Transcrito de As contradições de Bolsonaro ao falar do Bolsa Família e do Renda Brasil. (2020).

programa como esse. O que eu quero é acabar com as fraudes. Jair Messias Bolsonaro (CORREIO BRAZILIENSE, 2019).

Figura 5 – Características do Discurso de Jair Bolsonaro segundo Albernaz (2019).

Nós	Eles
Cidadãos de bem: segurança e moral	Esquerdismo: bandidagem, imoralidade e corrupção
Família	Gays e homossexuais
Defensores do controle da natalidade e da redução da maioridade penal	Ativistas de direitos humanos
Defensores dos valores cristãos conservadores	Socialistas e sociais-democratas
Homens	Mulheres
Defensores da Escola sem Partido	Doutrinadores de Paulo Freire e Gramsci
Armamentistas e milícias	Desarmamentistas e defensores dos direitos humanos
Policiais e militares	Intelectuais, jornalistas, protetores de traficantes e estropadores
Agronegócio e segurança no campo	Indígenas, quilombolas, sem-terra e terroristas do campo
Proprietários e livre iniciativa	Invasores da propriedade privada, movimentos sociais e comunistas
Mérito, jovens que querem subir na vida	Cotistas, bolsistas e refugiados
Patriotas	Políticos corruptos e Fórum de São Paulo

Fonte: Extraído de Albernaz (2019).

Apesar das suas retratadas características, muitos eleitores se viam representados por Bolsonaro, um homem religioso, uma figura quase mitológica, que chegou a ser apelidado de *Mito*, apesar das contradições entre seus atos de fala e suas ações. A despeito de se apresentar como defensor da família tradicional, já estava em seu terceiro casamento. Professava ser religioso, mas era defensor das armas, da ditadura e apoiava a perseguição de oponentes. Se colocou como *antissistema*, apesar de assumir cargos eleitorais desde 1989. Dizia-se anticorrupção, mas integrou partidos constantemente envolvidos em corrupção e apoiava publicamente a sonegação de impostos.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

4.1 Análise do Discurso

Formulada a partir da década de 1960 na França pelo filósofo e linguista Michel Pêcheux (1938-1983), a AD francesa enfoca a instância discursiva da linguagem, que articula “o nível propriamente linguístico e o extralinguístico. A linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia” (BRANDÃO, 2004). Nessa corrente de estudo dos atos comunicacionais, a linguagem é tomada em seu caráter social de mediação entre o homem e sua realidade, e, a partir desse entendimento, só é possível analisar os sentidos de um enunciado considerando-se o seu contexto sócio-histórico de produção, pois aí revelam-se os processos ideológicos materializados na linguagem e constitutivos das significações (BRANDÃO, 2004). Nesse sentido, a AD tem como base três conceitos centrais: sujeito, discurso e ideologia.

Quando se trata de sujeito não é considerada a pessoa enquanto indivíduo de forma pessoal, subjetiva, no sentido psicológico, mas no sentido social, ou seja, o papel que ela ocupa na sociedade em diferentes contextos, e por isso, ocupa diferentes papéis. Assim, o sujeito tem caráter heterogêneo, e ocupará diferentes posições de sujeito em diferentes situações. Para a AD, o sujeito está inserido em pontos temporais e locais sendo, portanto, essencialmente ideológico e histórico, posicionando seu discurso em relação aos discursos do outro (GUERRA, 2010).

Etimologicamente, a palavra discurso, “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2012, p.15). Poderia-se então pensar no termo “análise de linguagem”, entretanto, chamar de “análise do discurso” ressalta o fato de que o foco do estudo não é centrado na linguagem como um sistema abstrato (JOHNSTONE, 2017, p.3):

Em vez disso, tendemos a nos interessar pelo que acontece quando as pessoas recorrem ao conhecimento que têm sobre a linguagem, conhecimento baseado em suas memórias de coisas que disseram, ouviram, viram ou escreveram antes, para fazer coisas no mundo: trocar informações, expressar sentimentos, fazer as coisas acontecerem, criar beleza, entreter a si e aos outros, e assim por diante. ¹ (JOHNSTONE, 2017, p.3).

Assim visto, todo novo ato comunicacional de alguma forma ecoa algo anteriormente

¹ Tradução livre da autora. Texto original: *We tend instead to be interested in what happens when people draw on the knowledge they have about language, knowledge base on their memories of things they have said, heard, seen, or written before, to do things in the world: exchange information, express feelings, make things happen, create beauty, entertain themselves and others, and so on.* (JOHNSTONE, 2017, p.3)

dito. Por exemplo, quando os nordestinos ainda hoje são chamados “pau de arara”, há uma garra histórica, a associação com os transportes que os retirantes usavam para chegar às cidades, isto é, o enunciado vem de uma tradição que chegou aos dias de hoje. É dada essa ligação com algo anterior que o ato comunicacional vai fazer sentido e ser entendido. O entendimento da sentença “pau de arara” não está na língua, no fato de ser Português, a língua é apenas um suporte que permite a construção de sentidos. Portanto, “pau de arara” pode ser apreendido negativamente porque os sujeitos do ato comunicacional estão na mesma cultura e dividem uma história, de forma que é por ela que as coisas significam. Dito isso, discurso é entendido como dispersão porque sempre está relacionado a um já-dito, que é o que oferece aos novos discursos a dizibilidade.

Conceitualmente, a concepção de discurso presente na AD é baseada na formulação do termo feita por Michel Foucault:

O discurso designa, em geral, [...], um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de condições historicamente determinadas [...]: a “ordem do discurso” própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas. Revel (2005, p.37).

Analisar um discurso é entender do que ele é feito, ou seja, desmontá-lo para ver quais elementos o compõem e a relação entre eles, é responder questões do tipo quem fala, sobre quem fala e quando fala. Como o analista do discurso se aproxima do seu objeto tomando como princípio a opacidade da linguagem e que os sentidos são construídos culturalmente, para encontrar as possibilidades de sentidos de um dado texto, o analista busca por marcas discursivas para a partir dos pressupostos da AD oferecerem modos de abordar o objeto em estudo em busca da construção das significações, entender como um dito aponta também para um não dito que lhe estrutura e permite sua existência, ou seja, um dito que aponta para o sócio-histórico-ideológico que o estrutura e dão possibilidades, mas também delimitações, ao agir social.

Um outro conceito fundamental na AD é ideologia. Como afirma Brandão (2004), o conceito de ideologia é tomado por diferentes conceituações, o que provoca que o termo seja confuso e impõe a necessidade de determinar a qual concepção se faz referência. O caráter negativo que ideologia passa a representar tem origem com Napoleão, que “passa a ser vista então como uma doutrina irrealista e sectária, sem fundamento objetivo, e perigosa para a ordem estabelecida” (BRANDÃO, 2004, p.19).

Este sentido negativo de ideologia como sinônimo de mentira, um sistema projetado para manipular, foi extensivamente empregado por Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, e mesmo depois de eleito, Bolsonaro mantém-se no modo de campanha e não abandona esse mote do período eleitoral (Figura 6). Em seus discursos, Bolsonaro restringe ideologia aos seus oponentes políticos, nunca aos seus próprios atos, postulando-a sempre como “coisa dos outros”, coisa da esquerda, daqueles outros que distorcem a realidade. A si e a seus apoiadores, Bolsonaro descreve como técnicos², anti-ideológicos, ou seja, daqueles que praticam a política de modo neutro e objetivo, o que significaria, nas entrelinhas, praticar a política do modo certo.

Figura 6 – Tweet de Jair Bolsonaro.



Fonte: Twitter.

Enquanto Napoleão vê a ideologia como perigo de desestabilização da ordem, Karl Marx a vê como meio intelectual de manutenção da dominação de classe por meio de um malabarismo ilusório. Considerando algumas das inúmeras conceituações de ideologia, como em Marx, Althusser e Ricoeur, Brandão (2004) aponta que as concepções acadêmicas do termo costumam assumir um destes lados: uma visão marxista que reduz ideologia como sistema de abstração e inversão da realidade, silenciando as contradições inerentes à realidade servindo ao propósito de legitimar as condições de exploração e preservar a posição de dominação social por certas camadas e grupos sociais. “Conseqüentemente, preconiza a existência de um discurso ideológico que, utilizando-se de várias manobras, serve para legitimar o poder de uma classe ou grupo social” (BRANDÃO, 2004, p.30).

Neste trabalho, adotamos a visão de Ricoeur e Japiassu (1983), para quem a forma elementar da ideologia é a mediação, nomeada de função geral da ideologia, presente no mais elementar vínculo social: “a ideologia é um fenômeno insuperável da existência social, na

² <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-e-a-ideologia/a-47053263>

medida em que a realidade social sempre possuiu uma constituição simbólica e comporta uma interpretação, em imagens e representações, do próprio vínculo social” (BRANDÃO, 2004, p.75). Adotamos o conceito amplo de ideologia como visão de mundo que, ainda segundo (BRANDÃO, 2004, p.30), é dado por uma comunidade social num contexto social e histórico. Assim, “[...] não há um discurso ideológico, mas todos os discursos o são”(BRANDÃO, 2004, p.30).

Mesmo numa interpretação da ideologia como “mediadora da integração social” não se exclui que a ideologia pode assumir a função de justificação das posições de domínio e deformadora da realidade, meio de significação do mundo, entende-se que a ideologia dá-se como interpretação da realidade, o que impõe um distanciamento entre o real e sua interpretação, já que o significado de um signo não está fechado neste, mas está aberto para ser completado pelo interpretação de um determinado sujeito. Assim,

essas duas concepções não se excluem se partirmos do pressuposto de que a ideologia, enquanto concepção de mundo, apresenta-se como uma forma legítima, verdadeira de pensar esse mundo - atravessado pela subjetividade - embora se apresente como legítimo, pode ser, no entanto, incompatível com a realidade, isto é, os modos de organização dos dados fornecidos pela ideologia podem ser autônomos, imaginários, fictícios em relação aos modos de organização da realidade [...] (BRANDÃO, 2004, p.31).

Em suma, tomando como ferramenta o entendimento de discurso e ideologia que apresentamos nesta seção, em conjunto com o exposto nos capítulos 2 e 3, partimos para a definição e análise do *corpus* da pesquisa. Destarte, buscamos responder a questão inicialmente estabelecida neste trabalho de quais atributos ligados à identidade nordestina se fazem presentes nas interpretações feitas com o resultado das eleições de 2018 no Nordeste. É interessante ressaltar que demais trabalhos já trataram sob a mesma temática que abordamos, como em França (2018), em que o autor discute sobre o discurso de ódio contra o Nordeste e o nordestino no contexto das eleições presidenciais de 2014 sob a luz da AD francesa.

4.2 O *corpus* da pesquisa

Neste capítulo, empreendemos uma investigação de caráter qualitativo sobre o *corpus* de pesquisa selecionado. Nosso *corpus* é composto por 3165 comentários feitos por leitores em três postagens de notícias sobre o resultado das eleições presidenciais de 2018 divulgadas no Facebook em outubro de 2018, durante o primeiro e segundo turno de votação. Além de as redes sociais terem sido um dos principais palcos onde se performaram as eleições de 2018, esses

comentários são aqui tomados como objeto de análise porque são uma fonte aberta, e, portanto, acessível, das percepções, enunciadas dentro da conjuntura política na qual se elegeu Bolsonaro, de milhares de brasileiros sobre o Nordeste. Assim, esses comentários preservam o imediatismo, regente das redes sociais, que exacerba alguns dos sentimentos sociais mais pulsantes daquelas eleições, mostrando como sujeitos defenderam suas posições ideológicas e atacaram as posições e existência de outros.

Determinamos como objeto de pesquisa as interpretações, formuladas como comentários compartilhados no meio digital, sobre o resultado eleitoral para Presidente da República no Nordeste em 2018. E em consonância com esse objeto, iniciamos a formulação do nosso corpo de pesquisa com as buscas por matérias jornalísticas que tivessem como tema a expressiva votação de Fernando Haddad na região Nordeste, já que o assunto das matérias direciona o tema predominante nos comentários. Nas figuras 7, 8 e 9, apresentamos as três publicações de portais de notícias selecionadas e como elas aparecem nas páginas dos portais no Facebook.

Figura 7 – Captura de tela da matéria no Facebook do portal UOL (Matéria 1).



Fonte: Facebook(2018).

Figura 8 – Captura de tela da matéria no Facebook do jornal O Globo (Matéria 2).

O Globo ✓
28 de outubro de 2018 · 🌐

Com bom desempenho em capitais, Bolsonaro vence em João Pessoa, Maceió e Natal. <https://glo.bo/2JpGs4E> ✓ #jornaloglobo



OGLOBO.GLOBO.COM ✓

PT mantém força no Nordeste e Haddad vence em 98,6% das cidades

👍❤️😬 11 mil 2,6 mil comentários 1,1 mil compartilhamentos

Fonte: Facebook(2018).

Figura 9 – Captura de tela da matéria no Facebook do jornal BBC News Brasil (Matéria3).

BBC News Brasil ✓
12 de outubro de 2018 · 🌐

Veja em quatro gráficos como o Brasil votou no primeiro turno.



BBC NEWS

BBC.COM ✓

O peso de cada região do Brasil na votação para presidente

👍😬 983 312 comentários 125 compartilhamentos

Fonte: Facebook(2018).

Na primeira etapa de recorte do *corpus*, tínhamos o total de 3165 comentários, número correspondente à soma de todos os comentários feitos nas três publicações. No entanto, nem todo esse material ajudaria a responder nossa pergunta de pesquisa: quais aspectos associados à identidade nordestina baseiam as interpretações que desqualificam o resultado eleitoral para Presidente da República no Nordeste em 2018?

Assim, excluímos comentários compostos apenas de *emoticons*, aqueles que celebravam a escolha de parte dos nordestinos pelo PT, as suposições de fraude eleitoral e também os que falavam do pleito eleitoral sem incluir colocações sobre o Nordeste. Em suma, selecionamos apenas os enunciados que tratassem negativamente a escolha eleitoral dos nordestinos, porque isso nos permitiria apontar elementos da memória discursiva sobre o Nordeste acionados quando se tem a intenção de descredibilizar as ações dos habitantes dessa porção do país. Após esse peneiramento, chegamos a um *corpus* de pesquisa composto por 286 comentários, que são, de forma geral, uma amostra de quando a língua é usada para ferir feito lâmina afiada.

4.3 Análise

Pensando em uma organização do *corpus* da pesquisa a partir de um núcleo de sentido comum, organizamos e distribuimos os comentários em três categorias temáticas: a primeira discorre a respeito da existência de dois grupos distintos, os nordestinos e os não nordestinos e sobre a divisão do Brasil; a segunda, o apontamento do Bolsa Família como fonte de parasitismo e principal motivação da votação; e a última a tentativa de nordestinos se desvincularem deles mesmos. O agrupamento dos comentários assim feito nos permite direcionar a AD e identificar condições formadoras discursivas específicas.

4.3.1 *Cá versus lá*

Nesta categoria, agrupamos comentários que representam os nordestinos como elementos indesejáveis, tanto em relação à sua presença em outras partes do país, especialmente no Sudeste e Sul, quanto por o Nordeste ser parte do Brasil, ou seja, incomoda os autores desses comentários integrar a mesma unidade federativa que o Nordeste. Há também em comum entre os comentários desta categoria a tentativa de diferenciar as regiões. Na Tabela 1 apresentamos alguns dos enunciados selecionados para esta temática.

Tabela 1 – Comentários selecionados na categoria *Cá versus lá*.

01	<i>Lamentável. ..logo eles que sempre vem para outros estados em busca de emprego. .. de uma vida melhor. ..Não entendo isso</i>
02	<i>só falam bem do Sul quando vem pra cá procurar trabalho pra matar a fome.....</i>
03	<i>daí vem pro sul atrás de emprego.. hipocrisia não?</i>
04	<i>Vota no PT e vem pro sul mudar de vida? E ainda tá com vergonha do sul de votar no Bolsonaro? Cara, tu tá batendo as bielas... 🤔🤔🤔🤔🤔 Volta pro nordeste que lá é seu lugar... Kkkkkk</i>
05	<i>Pessoas vão trabalha aí, mas é muito maior o número de pessoas que saem do nordeste em busca de trabalho do que o contrário. As capitais mais ricas do país não estão no nordeste. E nós ainda somos obrigados a receber um número enorme de nordestino aqui. E quanto ao bolsa família, a maior parte da população beneficiada com esse programa vem do nordeste.</i>
06	<i>isso..votam no PT..ficam com migalhas..daí vem pro sul pedir emprego.. poisé</i>
07	<i>Sério meu amigo porque será que continua caindo nordestino de para quedas em São Paulo ,acorda povinho marmita.</i>
08	<i>a diferença ta no desenvolvimento das regiões..</i>
09	<i>Burros da desgraça vê se n corre pro sul</i>
10	<i>Espero então,que o futuro presidente,esqueça de vez esse lugar. . .</i>
11	<i>ah tá, todo Nordeste deve ser equiparado a região Sul, Sudeste e centro oeste, sobre as pessoas que têm cultura não duvido, mas não estou falando de excessoes, e sim de todo povo é contexto nordestino, acho que vc não pescou o que eu quis dizer</i>
12	<i>que tal vc mudar pro Nordeste? De preferencia pro sertão de Pernambuco? Talvez da sua cabeça saia o coco e entre um cérebro.</i>
13	<i>Ladroses petistas ,nordeste vergonha nacional,defender o partido mais corrupto da história</i>
14	<i>Isto explica o baixo desenvolvimento econômico da região em relação ao país</i>
15	<i>então não saiam do seu lindo estado pra vir matar a fome aqui no sul e no resto do país já que o PT foi tão bom aí... Ele deu muito emprego por aí??? Ou fala só por causa do bolsa família???</i>
16	<i>Enquanto Nordeste votar no PT não falta cortador de cana no sudeste</i>
17	<i>Belezinha! Só ele virar presidente do nordeste ué... Separa, escolhe uma capital e Prontinho! PT assume o nordeste e separa do Brasil. . .</i>
18	<i>Vocês são guerreiros, trabalhadores. São exemplos para nós do Sul, mas precisam amadurecer politicamente e parar de serem usados pelos políticos em troca de migalhas. É por isso que parece que existem dois Brasis. Um no Norte, subdesenvolvido e pobre (não o povo) e um outro no Sul próspero e desenvolvido. Acorda Irmãos brasileiros do nordeste!</i>
19	<i>Poderiam Separar o Nordeste do Brasil e Colocar o Haddad como Presidente... Depois veríamos como ficaria kkk</i>
20	<i>É um país a parte. Mas vamos reverter isso durante o mandato do Capitão l.</i>
21	<i>Sou a favor de que ele seja presidente de lá, assim acaba de afundar essa parte do país, pois se não querem mudança eu que não posso fazer nada</i>
22	<i>Daí oque vocês dizem nordestinos disso ? daí nós pedem ajuda?</i>
23	<i>Nordeste separado no Brasil no decreto de 1 de janeiro de 2019.</i>
24	<i>Quando dividir o país ..pt vencerá lá no nordeste</i>
25	<i>O nordeste é a bola de ferro no calcanhar do Brasil</i>
26	<i>[. . .] aí não tem emprego não tem saúde, aí vcs vem procurar tudo isso aqui em SP, somos solidários e SP sempre recebeu todos de braços abertos!!!</i>

De maneira geral, uma das primeiras características por nós percebidas foi o estabelecimento discursivo de um lá e cá para instituir separação e distanciamento entre Sudeste e Nordeste. Assim, colocações como “[...] parece que existem dois Brasis. Um no Norte, subdesenvolvido e pobre (não o povo) e um outro no Sul próspero e desenvolvido” (comentário 18) buscam construir sentidos de oposição entre as regiões, oposição que ultrapassa a primariedade da materialidade geográfica, e se assenta no campo da identidade.

Neste ponto, é importante relembrar o caráter relacional das identidades tratado por Woodward (1997). Na constituição do identitário, a alteridade é basilar, pois marca as fronteiras da identidade que incluem e excluem elementos; como explica Woodward (1997, p.9) “a identidade [...] depende, para existir, de algo fora dela, a saber, de outra identidade [...], de uma identidade que ela não é [...], mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade [...] se distingue por aquilo que ela não é”.

O mandamento da diferenciação está marcado na relação discursiva entre Nordeste e Sudeste-Sul, a identidade de um está refletida na do outro pela marca da exclusão. Isso significa que, no imaginário nacional, essas duas porções de Brasil foram constituídas em diversas frentes, como na econômica, cultural, geográfica e até mesmo racial, como oposições, mas essa diferenciação é instrumento para a inferiorização nordestina. São Paulo, por exemplo, é tomado como o estado do trabalho e desenvolvimento, enunciado como a locomotiva do Brasil, enquanto o Nordeste é dito como dependentista, subdesenvolvido e símbolo de um atraso que prejudica o crescimento da nação, percepção que vemos sendo reproduzida em “*O nordeste é a bola de ferro no calcanhar do Brasil*” (comentário 25). Essa metáfora equipara o Nordeste a um corpo indesejado, pelo qual existe o desejo de separação, uma relação forçosa entre diferentes naturezas.

No processo de estudo do *corpus* de pesquisa, muitas vezes nos deparamos com manifestações pela exclusão oficial do Nordeste do território brasileiro: “*Belezinha! Só ele virar presidente do nordeste ué... Separa, escolhe uma capital e Prontinho! PT assume o nordeste e separa do Brasil...*” (comentário 17), “*Poderiam Separar o Nordeste do Brasil*” (comentário 19), “*Nordeste separado no Brasil no decreto de 1 de janeiro de 2019*” (comentário 23). Também encontramos leitores pregando a saída de nordestinos dos territórios sulistas, por exemplo, e que novos imigrantes nordestinos não vão. Alguns dos comentaristas expressam sua agressividade e xenofobia de forma mais aberta, formulando seus enunciados como imposição: “*Burros da desgraça vê se n corre pro sul*” (comentário 09) e “*Volta pro nordeste que lá é*

seu lugar” (comentário 04). Outros comentários são menos diretos, e criticam a presença dos nordestinos usando o mecanismo da ironia para que suas intenções fiquem subentendidas, como em “*isso..votam no PT..ficam com migalhas..daí vem pro sul pedir emprego.. poisé*” (comentário 06).

Tanto em comentários formulados na voz imperativa quanto naqueles que usam a ironia de maneira quase eufêmica, é possível distinguir o tom de revolta com o qual o Nordeste é pronunciado. Isso pode ser percebido pelas sugestões e ordens de exclusão expressos. Além disso, em casos como o do comentário “*Espero então, que o futuro presidente, esqueça de vez esse lugar..*” (comentário 10) a revolta, e intrínseca raiva, pelos nordestinos é revelada pelo desejo de que Bolsonaro deliberadamente negligenciasse o Nordeste e também pela opção de não nomear a região. Esse apagamento do substantivo Nordeste, substituído pela indeterminação “lugar”, busca menosprezar a existência e importância da região, pois “o que não é nomeado, de certo modo, não existe nas relações em sociedade” (SILVA, 2016, p 42), e também funciona como mecanismo de distanciamento, acentuado pelo uso do pronome demonstrativo “esse”.

No contexto estudado, o ódio pelos nordestinos é manifestado por causa do resultado eleitoral, mas essas manifestações, como qualquer discurso, se apoiam em dizeres anteriores diluídos no imaginário social. Nos comentários selecionados, como existe a intenção de descredibilizar e ofender os nordestinos, opta-se por formações discursivas que dizem esse povo de modo negativo. Um exemplo de tal uso está em tentar equivaler discursivamente o nordestino migrante da atualidade à figura do retirante, formulada no cenário nacional a partir da seca de 1877, vítima da fome extrema. que tomou forma na imprensa na seca de 1877: “*só falam bem do Sul quando vem pra cá procurar trabalho pra matar a fome*” (comentário 02), “[...] *não saiam do seu lindo estado pra vir matar a fome aqui no sul e no resto do pais [...]*” (comentário 15).

Nas interpretações sobre o nordestino em São Paulo, vemos o exagero nas condições ruins no Nordeste, há a aparência de que todos os nordestinos vivem em condições de extrema pobreza, para exaltar os paulista, como em “[...] *ai não tem emprego não tem saúde, aí vcs vem procurar tudo isso aqui em SP, somos solidários e SP sempre recebeu todos de braços abertos!!!*” (comentário 26). Aqui, também há a possibilidade de interpretação: o trabalho do nordestino é esvaziado de valor, pois dá ênfase na suposta solidariedade do paulista, não ao serviço que o nordestino oferece, e que possui valor, como o de qualquer outro trabalhador. Também vemos em outros comentários uma visão que nordestinos sempre ocuparão cargos braçais, “*Enquanto Nordeste votar no PT não falta cortador de cana no sudeste*” (comentário 16), e aponta, além

do preconceito contra o nordestino, o desprezo a trabalhos desse tipo, negando o reconhecimento de que eles possuem valor social.

A construção discursiva da diferenciação entre Nordeste e Sudeste-Sul, que propicia comparações em que os dois lados são tomadas como tão opostos a ponto de não ser possível sequer compará-los, “*ah tá, todo Nordeste deve ser equiparado a região Sul, Sudeste e centro oeste, sobre as pessoas que têm cultura não duvido, mas não estou falando de excessões, e sim de todo povo é contexto nordestino [...]*” (comentário 11), possui raízes também racistas, como, infelizmente, é comum nas relações sociais brasileiras. Sobre esse ponto, Durval Muniz fala:

A diferenciação progressiva entre o Norte e o Sul do país já era tema de diferentes discursos, desde o final do século XIX. Coerentes com os paradigmas naturalistas, colocam como responsável por tal distanciamento as questões da raça e do meio. Nina Rodrigues, por exemplo, já chamava a atenção para o perigo constante de dilaceramento da nacionalidade entre uma civilização de brancos no Sul e a predominância mestiça e negra no Norte. A imagem da guerra civil americana, ainda bem presente, fazia aumentar os temores de uma secessão entre dois espaços que claramente se desenvolviam em ritmos diferentes. Para Nina, isso se explicava pela presença majoritária do mestiço indolente, inerte, subserviente na área ao Norte do país e pela dominância do elemento branco, forte, empreendedor, dominador, nas áreas ao Sul. Oliveira Viana, duas décadas mais tarde, também considera o Sul, notadamente São Paulo, como “o centro de polarização dos elementos arianos da nacionalidade”, “local de uma aristocracia moral e psicologicamente superior”. O Sul seria o fundamento da nação em detrimento daquelas áreas “onde dominavam as camadas plebeias, mestiças, profusa mistura de sangues bárbaros”, inferiores psicologicamente, ou desorganizadas em sua oralidade. Para Viana, o destino do Norte era ficar cada vez mais subordinado à influência dominante dos grandes campos de atração do Sul. Os elementos mais “eugênicos” do Norte, capazes de enfrentar as novas condições sociais que surgiram no Sul, tendiam a migrar, drenando para esta área os mais ousados, ativos, ambiciosos e enérgicos. Na área setentrional do país ficariam apenas os degenerados raciais e sociais. Estes movimentos migratórios são fundamentais para a própria reordenação das espacialidades no país. Áreas que praticamente se desconheciam e populações que pouco contactavam, embora compusessem o mesmo país, iniciam um contato e um conhecimento mais apurado. É nesse momento que muitos estereótipos que marcam os diferentes espaços e populações do país se gestaram. Albuquerque (2011, p. 70-71).

Perpetuar os estereótipos negativos sobre os nordestinos significa estender a vida dos ódios herdados através das posições de sujeito. Também, tentar dar teor de objetividade econômica à xenofobia, tratando-a linguisticamente como “*aí não tem emprego não tem saúde, aí vcs vem procurar tudo isso aqui em SP*” (comentário 26), “*a diferença ta no desenvolvimento das regiões..*” (comentário 08) e “*daí vem pro sul atrás de emprego.. hipocrisia não?*” (comentário 03), é uma maneira de dar novas formas ao racismo e eugenismo, que possuem relação umbilical com a xenofobia, e, assim, reproduzi-los.

4.3.2 *Bolsa Família e parasitismo*

Nesta categoria, reunimos comentários, dispostos na Tabela 2, que apontam o Programa Bolsa Família (PBF) como principal motivação dos eleitores nordestinos a votar em Fernando Haddad para Presidente. Nos enunciados aqui selecionados, entendemos as representações extremamente negativas e desumanizadoras feitas dos nordestinos beneficiários do Bolsa Família funcionando para assemelhar o recebimento do benefício a uma espécie de parasitismo, porque mostram como se os nordestinos não oferecessem qualquer contribuição para o país, vivendo numa situação de subsistência e de total dependência.

O PBF foi criado em 2003 durante o primeiro mandato do Presidente Lula. O novo benefício social reunia vários programas em um só, como o Bolsa Alimentação, Bolsa Escola Federal e Vale-Gás, e tinha o objetivo de “minorar, de imediato, a pobreza e, por consequência, a desigualdade de rendimento” ao transferir “renda para um grupo de famílias elegíveis, impondo-lhes algumas condicionalidades que abrangem os direitos básicos, como a educação e a saúde” (CAVALCANTI *et al.*, 2013, p. 101).

Os programas de transferência de renda podem ser enquadrados em dois tipos: “renda básica de cidadania” e “renda mínima garantida” [...]. O primeiro tipo - renda básica de cidadania - é a transferência regular de dinheiro, pelo Estado, a todos os cidadãos, sem qualquer restrição social ou econômica. [...] O Programa Bolsa Família, por sua vez, é uma variante do segundo tipo, a renda mínima garantida. Programas de renda mínima garantida diferenciam-se de programas de renda básica de cidadania por serem focalizados na parcela mais pobre da população, além de não exigirem qualquer tipo de contrapartida. (CASTRO *et al.*, 2009, p.336).

Apesar de o PBF ser categorizado como renda mínima garantida, eram exigidas contrapartidas dos beneficiários: frequência escolar mínima das crianças e adolescentes em idade escolar e calendário vacinal atualizado, por exemplo. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), o estabelecimento das condicionalidades buscava “elevar o grau de efetivação de direitos sociais por meio do acesso aos serviços sociais básicos de saúde, educação e assistência social”.

No quesito das condicionalidades, algumas críticas apontam que não seria correto atribuir exigências aos beneficiários do Bolsa Família, pois estes são famílias localizadas na extrema pobreza e, por isso, teriam maior dificuldade em cumprir as exigências. No entanto, outros apontamentos “defendem que as contrapartidas” seriam “mais importantes do que a própria transferência monetária, uma vez que incentiva o aumento do capital humano e leva a uma maior segurança alimentar”. É preciso destacar que o não cumprimento das contrapartidas

não significava necessariamente penalidades ou exclusão das famílias do benefício, mas sim, que seria feita uma avaliação para entender o porquê do não cumprimento e se o Estado ofereceu as condições necessárias para que tais exigências fossem realizadas (CAVALCANTI *et al.*, 2013, p. 103-104).

Tabela 2 – Comentários selecionados na categoria *Bolsa Família e parasitismo*.

27	<i>os nordestinos se vendem SIM por migalhas. Bolsa família principalmente.</i>
28	<i>Problema do nordestino é que ele olha apenas a causa. Acha que esse PT se preocupa com eles dando bolsa-familia. Se PT, Lula, Dilma ou qualquer outro se preocupasse de verdade, levaria empresas pra lá. Desenvolvimento para o povo ter seu dinheiro todo mês para viver e não depender de esmolas.</i>
29	<i>Mano o Nordeste é comprado pela barriga pela fome que passa qualquer dinheiro para eles já era</i>
30	<i>nem culpo seu povo de não ter cabeça. Mas vc sabe o quanto de gente que sofre na sua região e passam fome. É normal acreditar em gente que oferece um bolsa esmola em troca de votos. Não culpo esse povo de jeito nenhum. A fome fala mais alto</i>
31	<i>É...a ignorância e a força do medo sustentada por bolsas miséria fazem do Nordeste um curral perfeito</i>
32	<i>E o medo de perder os bolsas tudo vai ter que acordar cedo arregaçar as mangas as mocinhas estudar e não sapecar agora o caldo engrossou</i>
33	<i>Espera o que se metade da população do Nordeste se contenta com bolsa familia..</i>
34	<i>Não querem trabalhar mesmo esse povo</i>
35	<i>[...]o nordestino está acostumado de comer que nem passarinho no ninho ,na boquinha .</i>
36	<i>Creio que os nordestinos irão aprender a gostar de viver com dignidade, sem depender de esmola do governo que finge ajudar só para conseguir votos. PT nunca mais.</i>
37	<i>Difícil. Sao eternos pedintes. So querem facilidade</i>
38	<i>Mas eles querem realmente trabalhar? Nao. Vivem do momento</i>
39	<i>Com essa cabecinha...só querem saber de Carnaval e bolsa família.</i>
40	<i>A região que as pessoas menos pesquisam e vão pelo que escutam, e gosta de facilidade muita e trabalho pouco.</i>
41	<i>Lógico muitos sobrevivem através dos impostos que cidadãos de outros estados pagam</i>
42	<i>Um povo sofrido. Vivendo de migalhas faz tempo. Mas eu creio que tão logo o plano de governo do nosso presidente chegar esta terra será liberta da escravidão do PT.</i>
43	<i>Bom começar a pagar os impostos</i>
44	<i>Nordestino o q mais mama no peito do PT agora tem q ir trabalhar acabou a mordomia bolsa família chau</i>
45	<i>Esse povo do Nordeste adora Viver de migalhas kkkklk</i>
46	<i>Vão trabalhar parar de ter filho.</i>
47	<i>Não digo isso eles foram mmaltrado por esse governo .criança saairam.das escolas . E os pais fizeram.mas filhos para receber bolsa família mas não tem educação saúde esporte lazer .e uma lamentável.situação onde a conta dos governantes na Suíça SÓ aumentou volume.Não entendi de política. Mas vi que esses governos .nao entende também. Pronto.falei</i>

Fonte: Facebook (2018).

Desde o início, os questionamentos sobre a transferência direta de renda aos mais pobres foram intensos. Como os comentários nos mostram, na eleição de 2018 certos questionamentos sobre o PBF existentes desde 2003, ainda se faziam presente, como a suposição de que, buscando aumentar os recursos recebidos, as famílias tivessem mais filhos, sendo o benefício pró-natalista “[...] *eles foram mmaltrado por esse governo .criança saairam.das escolas . E os pais fizeram.mas filhos para receber bolsa família [...]*” (comentário 47).

Segundo Alves e Cavenaghi (2013), a ideia de um efeito pró-natalista provocado pelo PBF se dá porque os benefícios crescem até cinco filhos (três crianças de 0 a 15 anos e até dois adolescentes de 16 a 17 anos). No entanto, estudos acadêmicos mostram que tal causalidade não é verdadeira, o PBF não aparecia como fator de aumento do número de filhos das famílias beneficiadas.

Embora haja uma tendência de as famílias beneficiadas terem uma fecundidade ligeiramente maior, assim como uma proporção um pouco maior de mulheres com três ou mais filhos (22,7% contra 16,4% das não beneficiárias), o fato é que o maior número de crianças tende a reduzir a renda per capita, aumentando a probabilidade de as famílias se tornarem elegíveis aos benefícios do Bolsa Família. Desta forma, a direção da causalidade entre número de filhos e os beneficiados pelo programa seria inversa. A mulher não tem mais filhos porque passou a receber o benefício do PBF, mas, sim, o contrário: por ter mais filhos e, com isso, reduzir a renda per capita familiar, a mulher se credencia a participar dos benefícios do PBF. (ALVES; CAVENAGHI, 2013, p.41-42).

Os discursos não têm início absoluto, como afirma Orlandi (2012), eles sempre funcionam por sua ligação a uma dada formação discursiva. Como afirmamos, certas percepções negativas sobre o Bolsa Família já existiam desde seu início, as políticas de distribuição de renda não costumam ser bem aceitas por alguns brasileiros, até mesmo na mídia, que contribui para a reprodução de certa perspectiva sobre o programa. E o fato de o PBF ter se tornado uma das grandes marcas dos governos petistas, é fator na rejeição de certos brasileiros.

Apesar de na campanha eleitoral de 2018 Jair Bolsonaro, convenientemente, se apresentar como defensor do Bolsa Família, prometendo inclusive a implementação de 13º para o programa, durante seu percurso como deputado federal ele foi fervoroso crítico do programa, apontando-o como compra de votos, e seus beneficiários, acusando-os de optar por não trabalhar, imputando também um comodismo parasitário, muitas vezes direcionando suas críticas aos beneficiários nordestinos. Não havia espaço em suas falas para balancear o papel de inserção social promovido pelo PBF. Há uma clara consonância entre os ditos depreciativos de Bolsonaro e sua reprodução pelos seus eleitores. Vemos a percepção persistente de o Bolsa Família gerar acomodação e como se fosse suficiente para não buscar nenhuma outra alternativa de renda em

“E o medo de perder os bolsas tudo vai ter que acordar cedo arregaçar as mangas as mocinhas estudar e não sapecar agora o caldo engrossou” (comentário 32).

A noção do Bolsa Família como programa pró-natalista consegue produzir efeito de verdade, ainda que transmitida sem a apresentação de dados reais de embasamento. Isso porque o efeito de verdade “liga-se a condições que fazem “acreditar ser verdadeiro”, surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável”(CABRAL, , p.10).

Bolsonaro disse em 2003, publicado pela Folha de São Paulo (2022), “já está mais do que na hora de discutirmos uma política que venha a conter essa explosão demográfica, caso contrário ficaremos apenas votando nesta Casa matérias do tipo Bolsa Família, empréstimos para pobres, vale-gás etc”. Apesar de o próprio Bolsonaro ser pai de cinco filhos biológicos, defendia o rígido controle de natalidade dos pobres, como dito em “Devemos adotar uma rígida política de controle da natalidade. Não podemos mais fazer discursos demagógicos, apenas cobrando recursos e meios do governo para atender a esses miseráveis que proliferam cada vez mais por toda esta nação”³. O uso do termo proliferação, comumente associado ao espalhando de doenças, prova uma visão em que o pobre está numa categoria humana abaixo de outros tipos humanos, não humano.

Muitos dos comentaristas veem em si mesmos os que sustentam o Nordeste, *“Lógico muitos sobrevivem através dos impostos que cidadãos de outros estados pagam”* (comentário 41) e como se outras partes do país sustentassem a região, que fica só à espera de recursos, novamente, num sistema de conotação parasitária *“[...]o nordestino está acostumado de comer que nem passarinho no ninho ,na boquinha”* (comentário 35), *“Não querem trabalhar mesmo esse povo”* (comentário 34). Neste último comentário, mostra-se como se o nordestino fosse avesso ao trabalho, preguiçoso, como se houvesse um histórico de nordestinos como pessoas que não gostam de trabalhar e isso fosse comprovado por votar no PT. Para entender a força de imputar aos beneficiários nordestinos a pecha de preguiçosos, vemos o intento de deslegitimar a participação constitucional desses atores sociais nas eleições, num sentido de eles não produzem, então não podem decidir, fazendo de maneira subjetiva e baseada em preconceitos.

Um exemplo de efeito da escravidão que está implicitamente instaurado no imaginário social é a percepção dos baianos como preguiçosos. [...] não existe fundamento econômico para tal, já que os baianos trabalham tanto quanto qualquer outro habitante dos estados brasileiros. A associação da preguiça ao baiano

³ Trecho também extraído da matéria da Folha de São Paulo, “Bolsonaro defendeu esterilização de pobres para combater miséria e crime.”

teria caráter depreciativo e elogioso, tratando o estilo de vida preguiçoso e calmo como uma exclusividade da Bahia e um modo de ser que não é necessariamente positivo. [...] tal classificação pode ter relação com disputas de poder, tendo sido criada pela elite baiana para depreciar o modo de vida da classe mais baixa, em sua maioria composta por negros, reforçando assim os esquemas de poder oriundos da escravidão. O efeito dessas relações de poder, onde se encaixa um determinado grupo a um campo específico, tem o intuito de restringir a ação no social dos indivíduos e promover a exclusão e deslegitimação dos discursos dos sujeitos.(LOPES; SILVA, 2019, p.4).

O incômodo pelo PBF, e a busca de associar os beneficiários a preguiçosos, e declarando total desconhecimento da realidade ou manipulação discursiva em que se tenta dizer que quem ganha em média R\$ 189,00, valor médio do benefício em 2018⁴, podem chamar tal valor de “mordomia” vê que pessoas pobres podem viver em condições miseráveis. O incômodo “No nordeste você não encontra ninguém para trabalhar na sua casa”⁵, revela a revolta pela sensação que algumas pessoas poderiam não se submeter a condições de trabalho análogas à escravidão, trabalhando o mês inteiro para receber tão pouco. O direito que alguns pobres adquiriram de dizer não a certos tipos de trabalho, ou exigir um valor condizente ao serviço prestado, revolta muitos, gera incômodo.

Esses leitores entendem a si mesmos como aqueles que sustentam o Nordeste. O eu desses enunciados se inclui em uma pluralidade, ou seja, eles se incluem num nós (“nós paulistas”, “nós sulistas”) como forma de potencializar seus discursos. Se o sujeito fala sobre um lá, ele se pronuncia a partir de um cá, o que aqui possui uma espacialidade que o sujeito integra. O enunciador se enxerga nessa posição de paulista que estaria acima dos nordestinos, poder que ele não possuiria sem essa coletividade. A decisão de transformar a raiva em texto para que ela pudesse ser transmitida se dá pela revolta sentida por certos grupos por o nordestino não ter sido útil aos seus interesses, não deixando de atender as necessidades de sua própria realidade para servir aos sudestinos. Refletindo uma mentalidade que o maior pode comandar o mais fraco.

Termos como fome, barriga, comprados, voto de cabresto, curral, assistencialismo, não querem trabalhar, esmola, são usados como sinônimo de Bolsa Família, pelo menos é resgatada na tentativa de desqualificar o programa e seus beneficiários. Existe a clara intenção de humilhar e constranger os beneficiários, apoiando-se e reforçando construções que imputam aos pobres a culpa por sua pobreza. Vemos aí um dos aspectos apontados por Ricoeur e Japiassu (1983) da função de justificação e deformação da realidade que a ideologia pode assumir. A

⁴ Publicado pelo portal IG Economia (2022).

⁵ Citação de Bolsonaro, transcrito de As contradições de Bolsonaro ao falar do Bolsa Família e do Renda Brasil. (2020).

culpa é colocada nos pobres. Ao indicar compra de votos, imputa aos beneficiários um crime, venda de voto, ao imputar curral eleitoral, põe a pecha em que há um fundo de equivalência desses seres humanos com animais, como os jumentos, usados em representações sobre a questão do voto de cabresto.

As críticas vistas aqui sobre o PBF não apresentam um contraponto, ou seja, não assumem que o programa responde à função social de enfrentar a extrema pobreza que marca o Brasil. Ainda que seja uma resposta imediatista, paliativa e talvez insuficiente, o PBF é uma ação na busca para que todos os brasileiros alcancem o *status* de cidadão, já tendo influenciado no aspecto da autonomia de gênero já que a maior parte dos titulares são mulheres, e como apontando pelo relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (CAMPELLO *et al.*, 2013), trouxe impactos positivos na frequência escolar dos filhos das famílias beneficiárias.

4.3.3 *Sou nordestino, mas...*

Nos comentários analisados nesta categoria, nordestinos eleitores de Bolsonaro manifestam sua posição política, que se contrapõe à escolha eleitoral da maior parte dos nordestinos votantes. Nesses enunciados, na articulação entre suas duas posições de sujeito em conflito, nordestino e bolsonarista, a conjunção adversativa “mas” é um elemento extremamente importante no sentido que se busca construir, pois ela é usada pelos leitores como forma de impor ressalvas à sua identidade nordestina, ou seja, marcar sua diferença em relação aos outros eleitores da região. Como nas categorias anteriores, apresentamos na Tabela 3 alguns dos comentários do nosso corpus de pesquisa que relacionamos a este núcleo de sentido.

Lembremos do mapa dos estados brasileiros visto na Figura 1: todos os estados da região Nordeste marcados em vermelho e o restante do Brasil, exceto Pará e Tocantins, colorido com a cor verde. Esse mapa apresenta o resultado eleitoral do segundo turno das eleições presidenciais de 2018 e, sob a ótica dos comentários vistos nesta pesquisa, essa cartografia é também a representação imagética da cisão entre Nordeste e as outras regiões brasileiras. No entanto, se mudarmos a escala desse mapa e nos aproximarmos um pouco mais, os “detalhes” começam a aparecer; veremos, por exemplo, que Bolsonaro venceu em três capitais nordestinas (Natal, João Pessoa e Maceió), e também nordestinos clamando para que sejam vistas as diferenças desse eleitorado: “*Sou nordestina e votei em Bolsonaro. Torço para que um dia todos os nordestinos se libertem desta praga que é o PT*” (comentário 53), “*Sou nordestino e voto Bolsonaro 17*” (comentário 48).

A partir de 2006, a base eleitoral dos presidentes petistas no Nordeste se consolidou e, mesmo com algumas variações a cada pleito, desde esse ano, os presidentes do PT sempre vencem em todos os estados nordestinos no segundo turno. Isso passa a constituir formações imaginárias associando a região ao PT e circula discursivamente como elemento da identidade nordestina.

Apesar de ainda ser predominante no imaginário social o entendimento de identidade como sinônimo de homogeneidade e unicidade, a identidade, afirma HALL (1992), plenamente unificada, harmoniosa e estável é uma fantasia, o sujeito vive a multiplicidade identitária, pluralidade que significa também posições entendidas como contrapostas compondo o mesmo sujeito. Nesse espaço comum onde vivem opostos, certas situações exigirão do sujeito o enfrentamento de suas “contradições” identitárias, fazendo com que uma se sobreponha à outra. Paraphrasing Woodward (1997), em alguns momentos, certas diferenças são mais importantes do que outras.

Em 2018, o fato de Fernando Haddad obter 69,7% dos votos nordestinos, funcionou como reafirmação da associação entre Nordeste e PT. Mas nessa conjuntura, alguns dos eleitores nordestinos de Bolsonaro, interpretando também eles que sua naturalidade nordestina e sua escolha pelo candidato do PSL poderiam soar entendidas como contraditórias, se manifestaram, como visto nos comentários, buscando conciliar essas duas posições que eles ocupam. A forma como esses eleitores buscam conciliar essas duas posições de sujeito pode ser resumida pela conjunção adversativa “mas”, muito empregada, de maneira direta ou indireta, por esse grupo: *“O Nordeste se livrará do PT na próxima, tenho fé que o voto de cabresto irá acabar. Sou nordestino e meu Presidente é o Bolsonaro”* (comentário 54), *“O Brasil não é só nordeste!sou nordestina e votei e em Bolsonaro!”* (comentário 55).

O que vemos se repetir nesses e em outros comentários são os leitores sobrepondo sua posição bolsonarista à sua posição nordestina, ou seja, eles buscam validar sua escolha eleitoral e diferenciar-se dos nordestinos petistas, se apoiando no mecanismo de desqualificação do Nordeste, como podemos observar em *“Decepcionou feio! Todo o país negou o PT e o Nordeste continuou votando em corrupto!!!!”* (comentário 62) e *“Por isso o nordeste é tão avançado e desenvolvido, daí o povo do sul e sudeste saem de suas terras em busca de oportunidade e qualidade de vida aqui! 😊Não é?!?!?”* (comentário 61).

Os enunciados revelam nordestinos bolsonaristas, tentando desvincular-se da teia discursiva generalizadora sobre o Nordeste, realizando representações generalizadoras dos seus

conterrâneos. Como esse autores, por sua inserção social, entendem os sentidos associados e despertados por aqueles incluídos no coletivo “nordestino”, sabem que suas posições imaginárias o excluem do acesso a certos tipos de dignidade e poder, buscam em algum sentido diferenciar sua posição de nordestino com o uso do “mas”, ou seja, querendo apontar por que não podem ser vistos como os outros nordestinos. Assim, o “mas” reafirma os nordestinos petistas em posição de inferioridade, e os bolsonaristas diferenciados, deixando à deriva da marginalização certos tipos de vida.

Os nordestinos bolsonaristas desses comentários buscam elevar sua condição, mas eles mesmos adotam também uma postura inferiorizada de subserviência em relação a outras partes do Brasil: *“Peço desculpas ao resto do Brasil por essa vergonha nordestina”* (comentário 59), *“Vergonha do meu nordeste onde a ignorância ainda prevalece com força”* (comentário 60). Há nesses discursos o medo de receber a marca da diferenciação que, como vimos, significa também uma marca de inferiorização: *“Decepcionou feio! Todo o país negou o PT e o Nordeste continuou votando em corrupto!!!! Ficou parecendo que somos um monte de desinformados, passa fome, ainda controlados pelo coronelismo e o voto de cabresto... Vejo muita gente do Sul dando apoio, dizendo que melhoramos, mas sendo realistas, no segundo turno pioramos muito! O PT aumentou a vantagem em relação ao primeiro... isso é inaceitável. Atestado de burrice! Sei que é democracia, mas compara os números com o resto de país! Eles são o que??? Alienados? NÃO! Estão mais perto da informação. Inclusive conhecem Hadad, pior prefeito do Brasil em São Paulo, perdeu feio lá Estou sim um pouco envergonhado do Nordeste [...]”* (comentário 62).

Nesses comentários, os eleitores de Bolsonaro demonstram uma necessidade sobrepujante de se justificar perante o Sul e Sudeste, trespassam o sentimento de dever seguir o que é majoritário nessas regiões. Esses eleitores buscam se mostrar politicamente conscientes afirmando seu voto em Jair Bolsonaro e depreciando os nordestinos petistas; tal postura poderia funcionar na busca de se assemelhar aos habitantes sulistas e sudestinos, e se afastar do estigma, por eles reforçado, de ser nordestino.

Assim, o sujeito “nordestino eleitor bolsonarista”,

identifica-se com o que está fora do Nordeste e busca um salvo conduto, que o livra do estigma que seria transmitido, no contexto da fala, pela convivência. Antevendo negação de uma origem deteriorada e a possibilidade de redenção, o estigmatizado acredita-se livre de sua marca, em direção à desejada aceitação pelo grupo hegemônico. Eis que, todavia, a marcação da diferença é arbitrária, feita por quem se reconhecendo como incluído e buscando afirmar essa posição hegemônica de normalidade, aponta o desvio do outro e o exclui

em sua ontologia. Esse seria um esforço de "normificação" por parte de um indivíduo estigmatizado, em se apresentar como uma pessoa comum, ainda que não esconda necessariamente o seu "defeito". (SILVA, 2016, p.74)(SILVA, 2016, p.74).

Os enunciados presentes nesta categoria de análise, "sou nordestino, mas... ", nos avisam que as formulações discursivas sobre o Nordeste e seu povo não são produto apenas das visões de quem está fora do região, muitas das imagens negativas que ainda persistem sobre esse espaço são filhas dos nordestinos.

5 ANÁLISE QUANTITATIVA DE TEXTO E DE SENTIMENTOS

É uma característica intrínseca do ser humano sentir. Taboada (2016) diz que “os sentimentos parecem mais primitivos que os pensamentos, mas constituem uma parcela significativa de nossas vidas, e a expressão linguística de emoções e opiniões é um dos traços humanos mais fundamentais”¹. Ações tomadas são, amiudadamente, determinadas pelo que é sentido, antes mesmo de uma avaliação racional, como em crimes passionais. Segundo Martin e White (2003), dentre as expressões de nosso estado emocional estão a expressão de julgamento em relação a outras pessoas e a expressão de apreciação. A Análise de Sentimentos busca estudar a combinação dessas expressões, de forma quantitativa.

Análise de Sentimentos (AS) é uma técnica de mineração de texto que usa Linguagem de Processamento Natural (LPN), em inglês *Natural Language Processing* (NLP), para determinar a polaridade de uma frase direcionada a uma entidade, isto é, se uma frase é positiva, negativa ou neutra, em que a entidade pode representar indivíduos, eventos ou tópicos (MEDHAT *et al.*, 2014).

Esse tipo de análise é particularmente útil em negócios e política, por exemplo. Analistas políticos aplicam a teoria de AS para medir a opinião pública ou conduzir pesquisas de mercado, e assim determinar a direção da opinião dos eleitores. AS permite que empresas ou políticos refinem suas estratégias/políticas para atender aos desejos de seus clientes/eleitores. Sua aplicação se estende para outras ciências, como ciências sociais e ciência da computação. Aplicada ao estudo da linguagem de redes sociais, nosso objeto de estudo, a AS

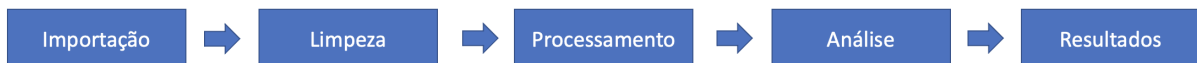
pode ser utilizada para identificação e classificação do conteúdo emocional criado pelos usuários nas redes sociais, determinando opiniões positivas, negativas e neutras, fornecendo assim uma polaridade da opinião ou orientação do sentimento. Em uma visão geral, a AS faz o rastreamento de uma grande quantidade de mensagens sobre um tema pré selecionado obtendo um relatório com a opinião de pessoas sobre este tema. (ARAUJO *et al.*, 2012)

A análise de sentimentos é um processo complexo e que envolve diferentes fases, que vão desde a coleta do texto até a apresentação do resultados. Na Figura 10, apresentamos os cinco principais passos ao se realizar esse tipo de análise. O primeiro diz respeito à coleta do texto nas redes sociais. Normalmente esse tipo de texto é escrito de diferentes formas, contendo muitas gírias, vocabulários regionais, *emojis*, etc. A seguir, é necessária a limpeza

¹ Tradução livre da autora. Texto original: *Feelings seem more primitive than thoughts, yet they constitute a significant portion of our lives, and the linguistic expression of emotions and opinions is one of the most fundamental human traits.* (TABOADA, 2016).

do conteúdo, identificando e extraíndo apenas o que é relevante para a análise, excluindo, por exemplo, informações factuais e números. Na etapa de processamento, os dados são preparados para etapa de análise, e a abordagem da análise (*machine learning* ou baseada em léxico), por exemplo, é determinada. Na quarta fase da análise, as sentenças são classificadas, é determinado quais os sentimentos presentes, se positivos ou negativos. Por fim, toda a análise feito até então é convertida em informação, e apresentada por meio de métricas, tabelas e gráficos.

Figura 10 – Fases da AS.



Fonte: Elaborado pela autora.

Existem diferentes abordagens na teoria de AS. Uma das principais dela é o método baseado em léxico (ou método baseado em dicionário). Ao usar um sistema de pontuação para classificar certas palavras ou frases em um léxico, a AS pode ser usada para quantificar a opinião ou intenção de um texto bruto e pode ser usada para determinar a disposição emocional geral, como felicidade, contentamento, raiva, repulsa, expresso no texto (MÄNTYLÄ *et al.*, 2018).

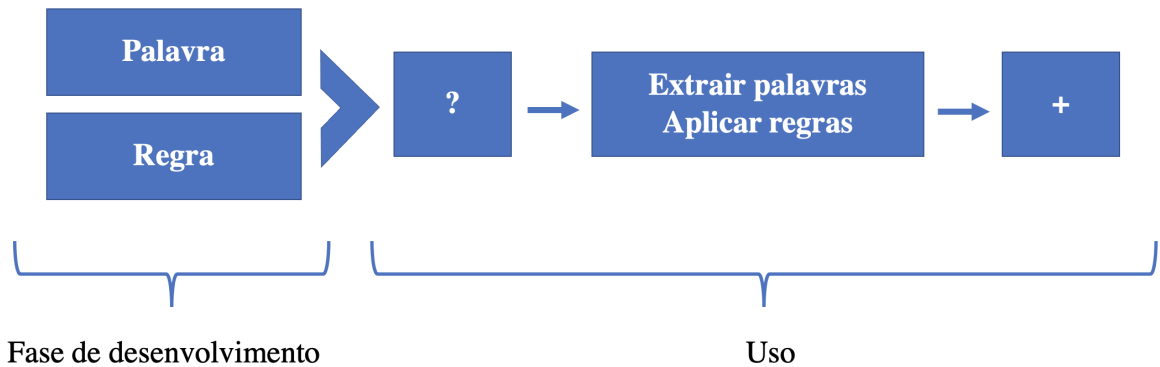
Usando um dicionário pré-existente, os valores de sentimento são atribuídos a cada palavra com base na percepção dada a ela (ou seja, se é positivo ou negativo, por exemplo). O dicionário contém a polaridade das palavras, tal como, “ótimo” é positivo e “terrível” é negativo. Dessa forma, ao se estudar um novo texto, as palavras desse novo conteúdo são combinadas com as palavras do léxico, seguindo algum tipo de algoritmo, recebendo seus valores, que agregados, produzem a orientação semântica de todo o texto (TABOADA, 2016). A Figura 11 é uma adaptação do diagrama apresentado por Taboada (2016) para uma representação simples da abordagem baseada em léxico. Essa abordagem

implica determinar quais palavras ou frases são relevantes (ou seja, quais palavras capturam o significado avaliativo de uma frase ou texto?); quais frases são relevantes (ou seja, algumas frases ou partes de um texto são mais representativas de sua orientação?); e como agregar as palavras ou frases individuais extraídas.² (TABOADA, 2016).

Existem diversos léxicos de sentimentos para realizar a análise de sentimentos, a maioria deles construídos para a Língua Inglesa. A página *Sentiment and Emotion Lexicons* (2022) lista uma série desses léxicos. Neste trabalho, não exploramos os detalhes de como estes dicionários são feitos, mas para a abordagem na Língua Portuguesa recomendamos ver Pereira

² Tradução livre da autora. Texto original: *The lexicon-based approach entails determining which words or phrases are relevant (i.e., Which words capture the evaluative meaning of a sentence or text?); which sentences are relevant (i.e., Are some sentences or parts of a text more representative of its orientation?); and how to aggregate the individual words or phrases extracted.*

Figura 11 – Representação do método baseado em léxico para análise de sentimentos.



Fonte: Adaptado pela autora de Taboada (2016).

(2021), Machado *et al.* (2018) e Filho *et al.* (2013). Em particular, Pereira (2021) destaca que quatro léxicos de sentimentos para Língua Portuguesa são encontrados na literatura: OpLexicon, Brazilian Portuguese LIWC Dictionary (LIWC-PT), SentiLex e Onto.PT.

Apesar de extremamente utilizada, a abordagem baseada em léxico é um dos métodos mais simples de realizar a AS, e tem como um dos pontos negativos a dificuldade em lidar com pontos mais complexos da língua. Por exemplo, a sentença “o *show* estava alto” por si só não expressa nenhum sentimento. Entretanto, esta pode ser percebida como positivo e negativo, dependendo do ouvinte. Se o ouvinte é um dos participantes do *show*, o som alto representa algo positivo, enquanto se for um vizinho do local do *show* que não gosta do volume alto emitido, o sentimento expresso é negativo. Além disso, a abordagem em léxico tem problemas ao tratar corretamente negações e figuras de linguagem, como o sarcasmo, por exemplo. Contudo, além da simplicidade de uso, esse tipo de abordagem permite a adaptação do dicionário, de modo que este pode ser refinado de forma manual.

Este capítulo é um adendo ao estudo realizado neste trabalho do ponto de vista quantitativo dos comentários do Facebook sobre as notícias das eleições 2018, até aqui analisadas sob a ótica da AD. O propósito é inicialmente realizar uma análise do texto, identificando as palavras de maior frequência, quais se conectam com maior frequência com outras e obter algumas métricas que medem a correlação entre palavras. Após esse primeiro estudo, utilizamos a abordagem baseada em léxico para extrair e identificar os sentimentos e emoções expressos pelos usuários nesses comentários.

5.1 Metodologia

Nesta seção descrevemos o processo de preparação do texto, transformando o formato dos comentários no Facebook na forma necessária para a análise quantitativa. Especificamos ainda o dicionário de léxico considerado, a linguagem de programação utilizada para realização da análise e a criação dos gráficos apresentamos nas seções posteriores. Diferente do Capítulo 4, em que alguns comentários foram selecionados e categorizados, neste capítulo utilizamos todos os comentários feitos nas notícias estudadas, em um total de 3165 comentários. Nosso intuito ao usar todos os comentários em vez de separá-los em categorias como anteriormente, foi ter uma visão geral desses comentários, entender a conexão geral entre as palavras e os sentimentos implicitamente expressos por todos que deixaram um parecer.

A etapa de preparação do texto é uma das mais relevantes do processo de AS já que uma estrutura incorreta tem implicações nos resultados. Neste ponto eliminamos pontuação, *emojis*, *links*, números e expressões de risada tais como “kkk”. Também suprimimos artigos, preposições e conjunções, que se repetem inúmeras vezes, mas que não aludem necessariamente sentimentos. Por facilidade, substituímos todas as letras em maiúsculo por minúsculas e retiramos os hifens e espaços em palavras ou expressões compostas, como bolsa família, pois estas só fazem sentido quando justapostas.

O dicionário de léxico de sentimentos utilizado foi o *National Research Council (NRC) Emotion Lexicon*, desenvolvido para a Língua Inglesa, mas com tradução feita para diversos idiomas, incluindo o português³. Este léxico contempla dois sentimentos, positivo com 2312 palavras associadas e negativo com 3324 palavras. Além dos dois sentimentos, oito emoções são consideradas: confiança, medo, tristeza, raiva, desgosto, antecipação, alegria e surpresa. Cada uma dessas emoções tem um total de 1231, 1476, 1191, 1247, 1058, 839, 689, 534 palavras associadas, respectivamente. Uma mesma palavra pode se encaixar em mais de um grupo.

Como posto, o número de palavras é limitado, e por isso algumas palavras presentes nos comentários não recebem classificação, uma vez que estas talvez não estejam no léxico. Como mencionado anteriormente, uma vantagem da abordagem baseada em léxico é adicionar palavras e classificá-las, o que não fazemos neste trabalho, porque isso envolveria um estudo de linguagem mais aprofundado que não é a nossa intenção neste trabalho.

³ Todas as palavras encontradas nesse dicionário, assim como as respectivas traduções estão disponíveis em *Sentiment and Emotion Lexicons (2022)*

Todo o processamento do texto até a produção dos gráficos apresentados nas seções posteriores, foram feitos na linguagem de programação R (TEAM *et al.*, 2021) e as bibliotecas para análise de texto de sentimentos disponíveis. O livro *Text mining with R: A tidy approach* (SILGE; ROBINSON, 2017) foi a base para direcionar esta parte da pesquisa, guiando-nos no sentido de quais análises e gráficos seriam pertinentes apresentar e estudar.

5.2 Análise quantitativa do texto

A primeira parte de nossa análise quantitativa diz respeito à quantificação das palavras presentes nos comentários sob estudo. Nosso primeiro interesse é verificar com qual frequência determinados termos aparecem. Na Figura 12 apresentamos o gráfico com os 20 termos mais encontrados nos comentários. Como esperado, a palavra Nordeste é a mais frequente, aparecendo 411 vezes ao longo dos comentários. O termo nordestino e o seu plural, nordestinos, também aparecem quase 100 vezes, mas poderiam ser considerados como uma única palavra uma vez que representam a mesma coisa, mudando apenas a conjugação, e assim somariam 216 aparições e ocupariam a terceira posição no gráfico.

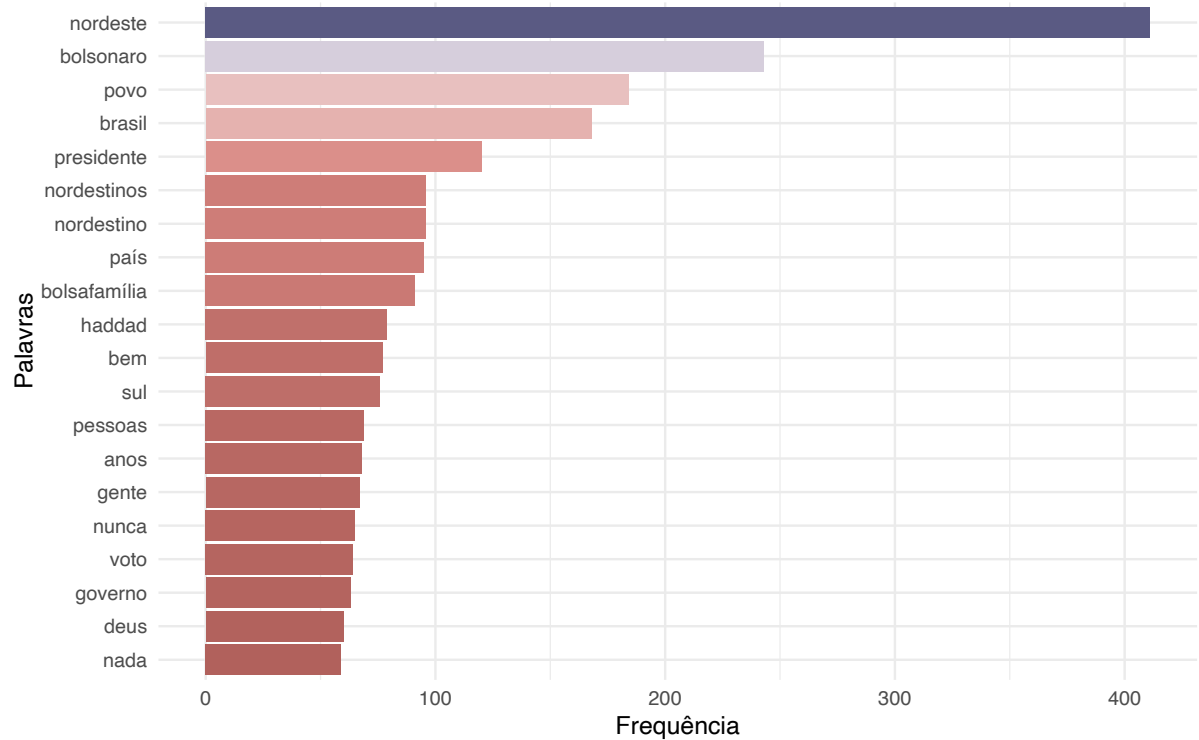
A segunda palavra de maior repetição nos textos foi Bolsonaro, que evidentemente faz sentido, uma vez que as notícias estão relacionadas com os resultados da eleição em que ele saiu vencedor. Termos também obviamente esperados são povo, com 184 aparições, Brasil, aparecendo 168 vezes, presidente, 120 vezes e país, contado 95 vezes. Apesar do nome Haddad estar presente no título de duas das três matérias consideradas neste estudo, este não foi um termo de tanta frequência quanto o de seu opositor e dos outros já mencionados, contando com apenas 79 aparições. Outra palavra que apareceu de forma destacada foi Deus, o que faz sentido já que além da forte religiosidade do país, a fé e tradicionalidade religiosa foram eixos fortes da campanha de Bolsonaro.

O vocábulo sul é mencionado 76 vezes, o qual, no contexto destes comentários, se refere à região brasileira. Há lógica na enunciação desse termo muitas vezes, evocando a dualidade cá *versus* lá abordada na Seção 4.3.1. O termo por si só não carrega nenhum sentido ou julgamento, mas a alta frequência de menções nos leva a considerar a corroboração com o que previamente abordamos, a repetição do discurso das diferenças entre as duas regiões, Nordeste e Sul.

Como abordado na Seção 4.3.2, o Bolsa Família foi apontado como a principal motivação da votação no candidato Fernando Haddad, e simboliza o parasitismo do povo

nordestino e a confirmação de que o voto deles é de cabresto. A repetição desse discurso nos comentários se confirma ao observarmos a posição do termo Bolsa Família no gráfico da Figura 12, sendo mencionado 91 vezes.

Figura 12 – Frequência das palavras presentes nas notícias dos três jornais.



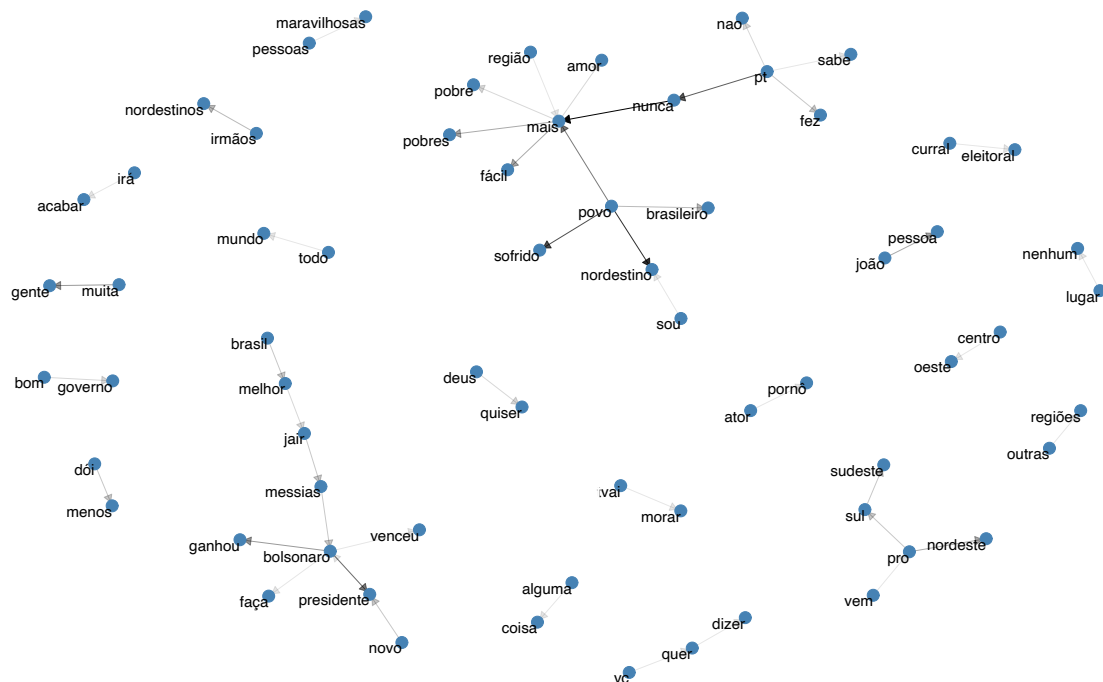
Fonte: A autora.

Apenas a frequência de termos individuais não é suficiente para compreender e fazer considerações sobre o que está presente nos textos dos comentários. É relevante entender o mecanismo de associação e relação entre as palavras. Neste sentido, fazemos uso de digramas de rede (*network diagram*), e assim capturamos as possíveis relações existentes nos textos. Diagramas de rede são estruturas matemáticas que mostram conexões entre entidades de forma gráfica. Cada entidade é um ponto representado por um vértice e as conexões entre os vértices são representadas por arestas. Em nosso caso, cada entidade é uma palavra dos comentários.

Na Figura 13 apresentamos o diagrama de rede para a associação entre duas palavras. As conexões são ponderadas pela maior frequência, de forma que arestas mais escuras significam que as duas palavras nos vértices apareceram mais vezes juntas, enquanto que arestas mais claras, representam uma frequência menor da palavras conectadas. Focamos nas palavras que, juntas, ocorreram pelo menos quatro vezes ao longo dos comentários. Nesta pesquisa consideramos apenas conexões dois a dois, isto é, cada vértice é formado por apenas uma palavra, como “Deus”

e “quiser”. Não visualizamos ligações maiores, em que um vértice seria formado por “se Deus quiser” e o outro por “fará bom governo”, por exemplo, como no comentário *“Infelizmente, mais se Deus quiser Bolsonaro fará um bom governo e os nordestinos e o PA iram ver e ficaram felizes e esqueceram de vez esse PT”*, retirado da matéria 2, jornal O Globo.

Figura 13 – Diagrama de rede das palavras presentes nas notícias dos três jornais.



Fonte: A autora.

Pelo diagrama de rede da Figura 13, notamos que algumas associações são contantes. O termo PT está frequentemente seguido pelas palavras fez, não, sabe e nunca. Com a última a sequência vem com a palavra mais, de modo que a frase “PT nunca mais” tem uma frequência maior, aparecendo 13 vezes ao longo dos comentários, induzindo à interpretação do caráter antipetista daqueles que comentaram as publicações. Curiosamente, o termo PT está incorporado ao grupo de palavras que se conectam com o vocábulo nordestino. Este, por sua vez, mostra-se regularmente precedido de sou e povo. A palavra povo também tem conexão intensa com sofrido, de forma que aparecem juntas 15 vezes nos textos, como nestes retirados da matéria 2, do jornal O Globo:

- “Um povo sofrido. Vivendo de migalhas faz tempo. Mas eu creio que tão logo o plano de governo do nosso presidente chegar esta terra será liberta da escravidão do PT.”
- “Venceu no nordeste pela força do assistencialismo e na ameaça desse povo sofrido. Mas

isso já começou a mudar...“.

- *“Agora Bolsonaro precisa mostrar para o Nordeste que ele vai olhar por aquele povo sofrido..”.*

A correlação entre pobreza e a região Nordeste também fica evidente no diagrama com a sequência região, mais e pobre. Essa associação é comprovada em comentários como *“É por isso, que é a região mais pobre do Brasil. Vivem de esmola, e vão continuar assim por muito tempo”* e *“Matou a mim também continuamos sedo a região mais pobre do Brasil. Não tenho orgulho nenhum”*, também retiradas da matéria 2. A sequência curral e eleitoral também aparece, mas isoladamente, formando outro nicho.

Outro destaque que podemos fazer é para o componente que a palavra nordeste está incluído. Neste, vemos que *“vem pro sul”* e *“pro nordeste”* são também sequências frequentes. Analisando os comentários que essas sequências aparecem, a primeira é vista no sentido incriminador, em que o nordestino vota em um partido, mas que no final, vai para o outro lado do país em busca de melhores condições. Já a segunda sequência *“pro nordeste”* é para repudiar aqueles que estão no sul e sudeste do país e votam no PT, e deveriam ir para o Nordeste que seria o local indicado para quem votou no Partido dos Trabalhadores. Retirados das respostas dadas à matéria do jornal O Globo, temos como exemplos desses comentários:

- *“Te muda pro nordeste”.*
- *“Vai pro Nordeste. Te some do Rio grande do Sul.”*
- *“que tal vc mudar pro Nordeste? De preferencia pro sertão de Pernambuco? Talvez da sua cabeça saia o coco e entre um cérebro.”*
- *“simples: se mude pro Nordeste e seja feliz ”.*
- *“Vota no PT e vem pro sul mudar de vida? E ainda tá com vergonha do sul de votar no Bolsonaro? Cara, tu tá batendo as bielas... Volta pro nordeste que lá é seu lugar... Kkkkkk”.*
- *“isso..votam no PT..ficam com migalhas..daí vem pro sul pedir emprego.. poisé”.*

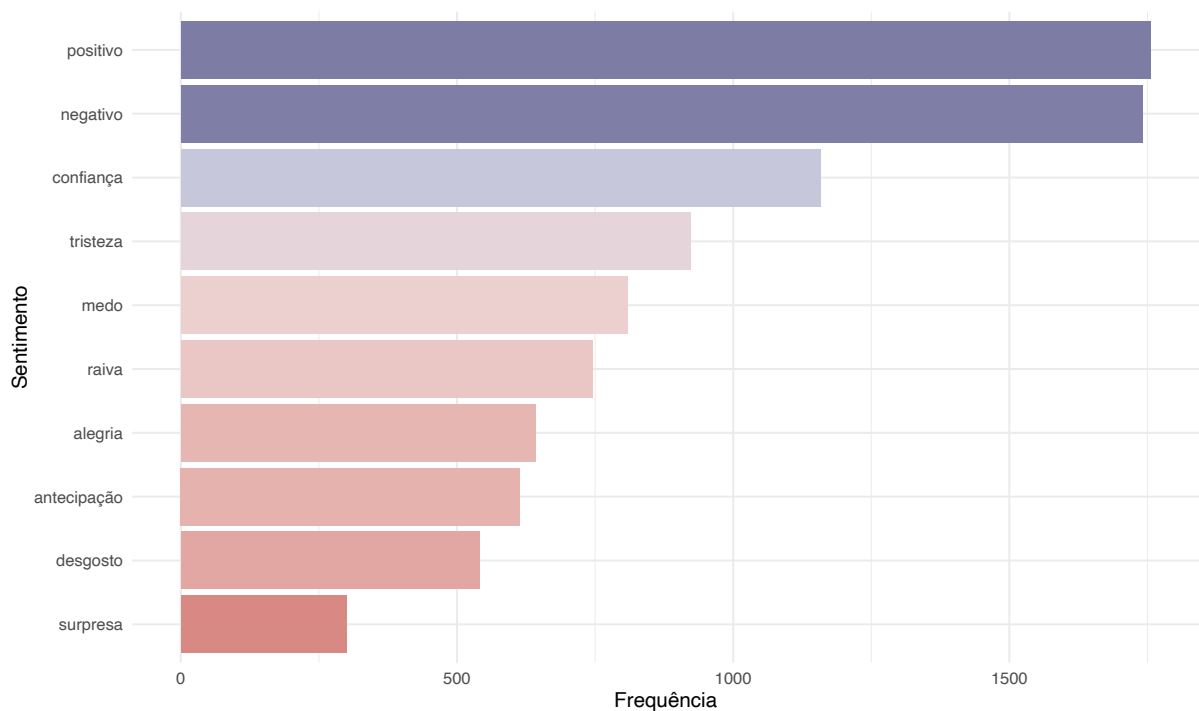
O último grupo que destacamos é aquele em que o nome Bolsonaro está. Previsivelmente, as palavras a ele conectadas são relativas a sua vitória, tais como novo, presidente, ganhou e venceu, assim como termos relativos à expectativa de seu governo, tais quais *“brasil melhor”*.

5.3 Análise dos sentimentos

Analisar frequência e conexões entre palavras como feito na Seção 5.2 é um aspecto relevante na análise quantitativa de um texto. No entanto, é interessante descobrir os sentimentos e emoções implícitos em uma sentença, a opinião que se tem a respeito do tópico que se é falado. Nesta seção, nos dedicamos a aplicar a AS para capturar, mensurar e entender os sentimentos expressos pelas pessoas nos comentários deixados nas matérias das três páginas do Facebook sob estudo. Além dos sentimentos, positivo e negativo, estudamos também oito sentimentos possivelmente embutidos nas sentenças, sendo eles confiança, medo, tristeza, raiva, desgosto, antecipação, alegria e surpresa. Identificar tais sentimentos e emoções é pertinente, pois nos leva a descobrir as suas raízes e trabalhar com elas, assim como abordado na AD.

O gráfico da Figura 14 é a representação visual da frequência dos sentimentos e emoções encontrados nos comentários. Cada palavra no corpo do texto recebe o valor um, de modo que ao somar todos os valores encontrados dentro de uma categoria, resulta na frequência apresentada no gráfico. As emoções apresentadas no eixo das ordenadas do gráfico de barras, que chamamos de Sentimento, são baseadas no dicionário de léxico em inglês e foram traduzidas para o português.

Figura 14 – Frequência dos sentimentos e emoções encontrados nos comentários.



Fonte: A autora.

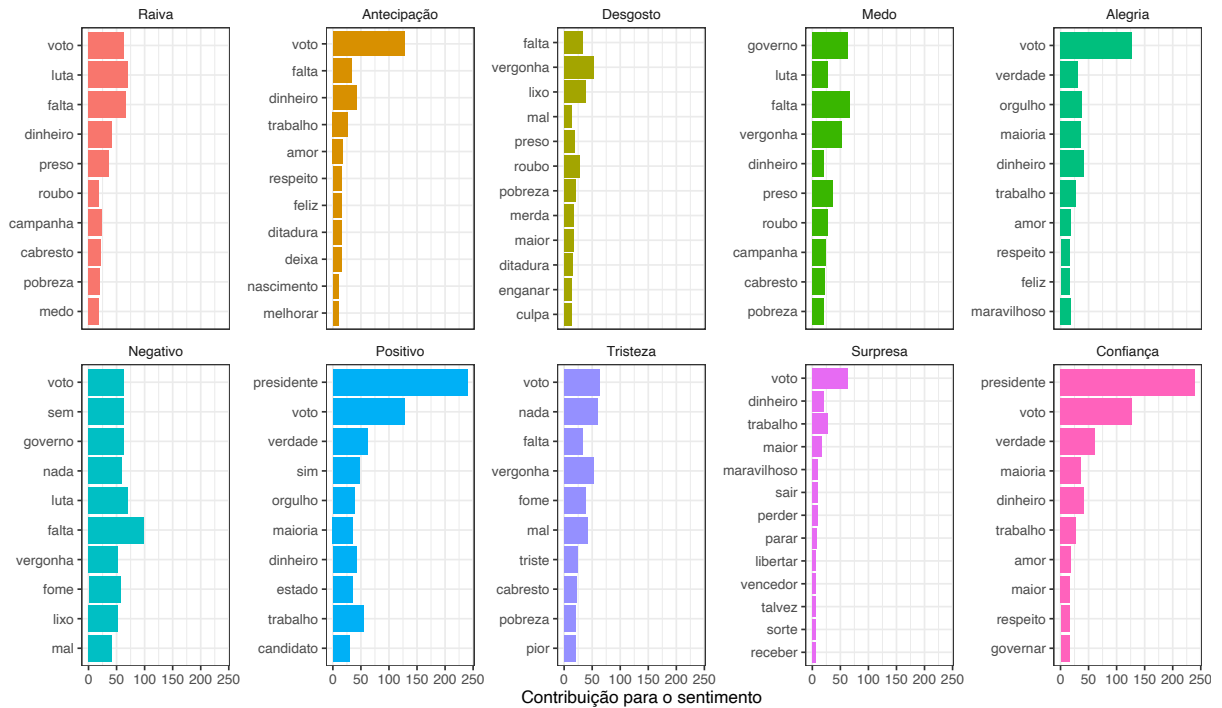
Pela Figura 14, observamos que a maioria dos termos presentes nos comentários foram classificados como positivos, apesar da quase equivalência com sentimentos negativos. Ambas as ocorrências fazem sentido. Inferimos, baseados na análise feita na AD, que os sentimentos negativos são direcionados ao Nordeste e nordestinos, porque estes foram responsáveis pelo percentual de votos contra Bolsonaro. Os sentimentos positivos podem ir em duas direções, uma de satisfação de eleitores contrários ao Bolsonaro que ficaram felizes porque o Nordeste votou diferente do restante do Brasil, ou o contentamento dos eleitores pela vitória do então eleito presidente. O último justificaria também a alta frequência da emoção confiança, que representaria a convicção dos eleitores no bom trabalho que poderia ser feito por Bolsonaro. Tal interpretação concorda com a feita sobre o gráfico de rede da Figura 13, quando ligações como “bom governo” apareceram.

As emoções que se seguem no gráfico são de medo, raiva e tristeza, novamente sugerindo duas possíveis razões. Tais impressões poderiam se referir ao que muitos eleitores favoráveis ao candidato petista sentiram com a vitória de Jair Bolsonaro. Por outro lado, a tristeza e a raiva direcionariam-se aos eleitores nordestinos petistas que, sob a visão de muitos comentaristas, votaram errado, pelas razões discutidas previamente no Capítulo 4.

Dado o conhecimento de quais sentimentos e emoções estão contidos nas sentenças, podemos analisar a contagem de palavras responsáveis por contribuírem na frequência de cada categoria de sentimento e emoção. A Figura 15 mostra o quanto as 10 palavras de maior frequência contribuíram para os sentimentos e emoções expressos na Figura 14. Palavras como eleição e ganhou não estão contidas no dicionário de léxico de sentimentos de forma a não entrarem na contagem. Palavras escritas incorretamente pelos usuários, também não fazem parte da contagem.

Algumas palavras são incluídas em mais de uma categoria, como voto, que foi classificado em diferentes emoções, como raiva e alegria, e como os dois sentimentos, positivo e negativo. Esta dualidade faz sentido, porque a forma como o léxico de sentimentos usado neste trabalho foi feito, considera a opinião pública, de forma que algumas pessoas podem votar que uma palavra é positiva e algumas pessoas votam que uma palavra é negativa. Outro exemplo é a palavra vergonha, classificada como um sentimento negativo e expressa três diferentes emoções: desgosto, medo e tristeza.

Figura 15 – Contribuição de cada palavra na construção dos sentimentos e emoções.



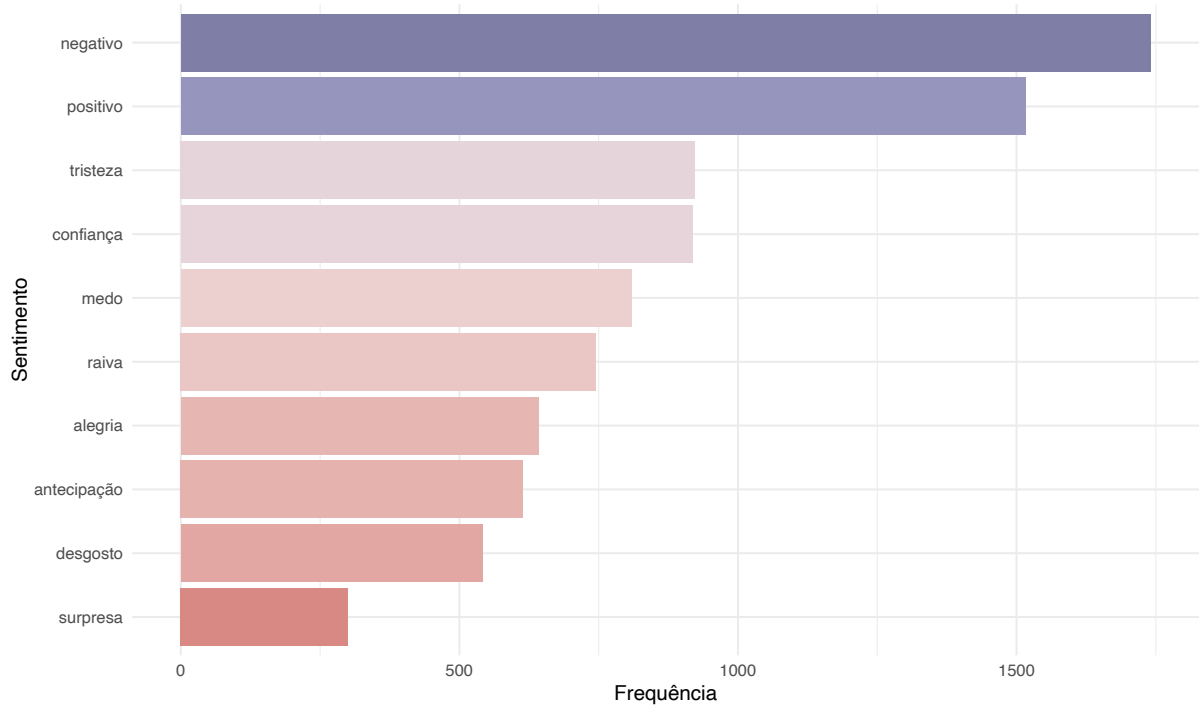
Fonte: A autora.

Um ponto a ser ressaltado é a aparição de algumas palavras em grupos que, no contexto deste trabalho, não fazem sentido. Como já dito, uma limitação da AS baseada em léxico é a dificuldade do método em capturar nuances do língua, o que fica perceptível ao se observar a Figura 15. Nesta, a palavra luta é classificada como um sentimento negativo e emocionalmente como raiva, o que faz sentido ao tomarmos a definição do termo como combate. Entretanto, no cenário dos comentários analisados, o termo se refere, na maioria das menções, no sentido de esforço, empenho para se alcançar algo. Como exemplo, temos os seguintes comentários, também retirados da matéria do jornal o Globo:

- “não se sinta envergonhado... nós de São Paulo que lutamos na campanha do Bolsonaro, somos gratos à você e aos outros nordestinos que nos ajudaram nessa luta, Deus os abençoe!!!”
- “Infelizmente o nordeste é a parte mais pobre do Brasil, além de sofrer com a seca eles sofrem com a falta de investimentos, quanto mais pobre mais fácil de agradar, quanto mais sem informação mais fácil fica de enganar, o nordeste tem sua riqueza, o Brasil inteiro é rico, infelizmente muitos não encheram isso é si contentam em viver a base de migalhas, temos que lutar por melhorias independente do presidente, afinal pagamos impostos absurdos para isso.”

Analisando o gráfico da Figura 15, observamos que muitas das palavras que apareceram nos comentários estudados na Seção 4 estão em categorias de sentimento e emoções negativas, tais como fome, falta e cabresto. É interessante observar que a palavra que tem maior contribuição para o sentimento positivo é presidente que, em essência, realmente tende a passar tal sentimento. Porém, como observado na Figura 16, se a palavra presidente não estivesse presente nos comentários sob análise, o sentimento negativo estaria em primeiro lugar, e a emoção de tristeza superaria a confiança.

Figura 16 – Frequência dos sentimentos e emoções encontrados nos comentários sem incluir a palavra presidente.



Fonte: A autora.

6 CONCLUSÕES E TRABALHOS FUTUROS

Este trabalho tomou como objeto as interpretações, verbalizadas em forma de comentários feitos em publicações da rede social Facebook, em notícias sobre o resultado no Nordeste da eleição para presidente do Brasil no ano de 2018. Essencialmente, nosso propósito foi analisar as interpretações desqualificadoras, a fim de identificar em quais aspectos associados à identidade nordestina essas interpretações se baseavam. Buscamos delinear o percurso sócio-histórico constitutivo de elementos caracterizantes do subdesenvolvimento na identidade nordestina, contextualizar o cenário político de 2018, e, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, realizar as análises do material de pesquisa.

A análise do discurso foi feita sob a luz dos trabalhos de Michel Pêcheux e da escola francesa. A categorização dos comentários em três grupos distintos, “*cá versus lá*”, “Bolsa Família e parasitismo” e “sou nordestino, mas...” foi pensada de forma a facilitar a análise, pois mesmo tendo como tema geral a votação do PT no Nordeste, os comentários apontavam para diferentes aspectos da identidade nordestina, destacando-se determinados nichos. Essa categorização permitiu encontrar semelhanças dentro dos subgrupos e identificar aspectos específicos.

Na primeira categoria de estudo, há um tom em que o indivíduo reconhece-se como ocupante de determinada posição de sujeito integrante de um grupo que, dentro de uma relação com o outro grupo, no caso os nordestinos, entende-se como superior e a partir da sua posição elevada considera-se capaz a definir o outro, que está numa posição inferior. Vemos que, na maior parte dos casos, não é estabelecida uma diferenciação entre nordestinos de forma geral e nordestinos eleitores de Haddad. Como já há um histórico de nordestinos sendo ofendidos por sua posição eleitoral, é possível que muitos discursos tenham sido construídos tendo tais casos em mente e, temendo uma repercussão negativa, tendem a suavizar seus escritos.

Na segunda temática, o funcionamento dos comentários, que buscam antecedentes negativos do Nordeste, revela o claro desejo de invalidar discursivamente para os leitores o voto dos nordestinos. São usadas falas simplificadoras, desqualificando os nordestinos a priori, ou seja, quase num movimento naturalista que diz: seu passado te condena, nordestino. Como pode um nordestino votar bem. Eles invalidam possíveis colocações daqueles que poderiam ascender à discussão e argumentar sobre o papel social do BF, desqualificando a natureza do programa, já que aponta que esta é eleitoreira.

A última categoria de análise, nos esclarece que a figura negativa e estereotipada do

Nordeste ainda persiste no imaginário dos próprios nordestinos, que se mostraram envergonhados e alheios à posição tomada pelos seus conterrâneos. Observou-se a tentativa de distanciamento dos demais e a busca por se explicar perante as demais regiões do país.

Do ponto de vista quantitativo, a AS nos permitiu enxergar quais palavras foram mais utilizadas pelos comentaristas das matérias, e quais as principais conexões entre elas. Observamos que Nordeste foi a palavra mais citada, e que termos como Bolsa Família também foram repetidamente mencionados. Constatamos que, de maneira geral, e sem considerar a palavra presidente, que é repetida muitas vezes, o sentimento mais presente nos comentários é negativo. Isto mostra que a AS foi uma ferramenta de comprovação do que foi estudado do ponto de vista da AD.

Posto que esse trabalho foi restrito aos comentários desqualificadores em três páginas de uma única rede social, e seguindo apenas uma linha de AD, há uma série de desdobramentos e possíveis trabalhos a serem seguidos futuramente. O primeiro seria observar o enfrentamento das posições de sujeitos, vendo como os nordestinos se entendem e, assim, como respondem aos comentários preconceituosos. Uma segunda abordagem seria estudar outros elementos presentes nesses comentários, como *emojis*. Por fim, a troca do objeto de estudo, tomando inicialmente uma outra rede social, como o *Twitter*, utilizar outro meio digital, como comentários presentes nas páginas dos próprios jornais ou ainda o que permitiria ver a visão de um grupo em específico, ou ainda examinar artigos científicos. Já para a AS, um possível segmento a ser desenvolvido seria a adição de mais palavras ao léxico de sentimentos, em particular, levando em consideração gírias e termos regionais. Poderia ser considerado também métodos baseados em aprendizagem de máquina em vez de métodos baseados em léxico.

Em conclusão, fazendo um compêndio das ideias trazidas neste trabalho, a análise feita mostra-se importante no entendimento da formulação e propagação de preconceitos contra o Nordeste. A análise do discurso nos permitiu sair da superficialidade de ler um comentário em uma rede social e apenas imputá-lo na dicotomia “direita” e “esquerda” em que o Brasil está dividido nos últimos anos; conhecer e entender as raízes das interpretações feitas sobre as identidades nordestinas e os comentários feitos acerca do nordestino e do Nordeste. A AS por sua vez possibilitou uma visão quantitativa dos comentários, e nos auxiliou a confirmar temáticas abordadas na AD. Assim, as duas metodologias de pesquisa, AD e AS, se complementaram. Por fim, esta pesquisa nos permitiu repensar a persistência de esteriótipos sobre o Nordeste e os nordestinos.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, V. Análise das características do discurso populista de jair bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. **Political Observer| Revista Portuguesa de Ciência Política**, n. 12, 2019.
- ALBUQUERQUE, D. M. d. **A invenção do Nordeste e outras artes**. [S.l.]: São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, I. B. d. S. **As faces do Hércules-Quasímodo: representações do Nordeste e dos nordestinos durante a Era Vargas**. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2014.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. O programa bolsa família e as taxas de fecundidade no brasil. **Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania**, Ipea Brasília, DF, p. 233–246, 2013.
- ANDERSON, P. O brasil de lula. **Novos estudos CEBRAP**, SciELO Brasil, p. 23–52, 2011.
- ANDRADE, J. M. F. d.; LOGATTO, R. Imagens da seca de 1877-78 no ceará: uma contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira. **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 114, p. 71–83, 1994.
- ANDRADE, J. M. F. de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. [S.l.]: Elsevier, 2004.
- ARAUJO, G. D. de; SOUSA, F. S.; TEIXEIRA, F.; MANCINI, F.; DOMENICO, E. B. L. D.; GUIMARÃES, M. de P.; PISA, I. T. Análise de sentimentos sobre temas de saúde em mídia social. **Journal of Health Informatics**, v. 4, n. 3, 2012.
- AS CONTRADIÇÕES DE BOLSONARO AO FALAR DO BOLSA FAMÍLIA E DO RENDA BRASIL. **Youtube**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mo6kgcUzWcU&t=117s&ab_channel=JornalOGlobo>. Acesso em: 18 dez 2021.
- BBC NEWS BRASIL. **De campeã de popularidade a 62% de rejeição: Seis momentos-chave no governo Dilma**. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150318_dilma_aprovacao_reprovacao_cc>. Acesso em: 06 dez 2021.
- BBC NEWS BRASIL. **Eleições 2018: O peso de cada região do Brasil na votação para presidente**. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/bbcnewsbrasil/posts/10155835669372816?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D%23>. Acesso em: 10 jan 2021.
- BEYOND CITIZEN KANE. **Simon Hartog**. 1993.
- BRAGA, M. d. S.; ZOLNERKEVIC, A. Padrões de votação no tempo e no espaço: classificando as eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, SciELO Brasil, v. 26, p. 1–33, 2020.
- BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. In: **Introdução à análise do discurso**. [S.l.: s.n.], 2004. p. 117–117.
- BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. In: **Introdução à análise do discurso**. [S.l.: s.n.], 2009. p. 117–117.
- CABRAL, L. R. Considerações sobre o efeito de verdade no gênero editorial.

- CAMPELLO, T.; NERI, M. C. *et al.* **Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania.** [S.l.]: Ipea, 2013.
- CASTRO, H. C. d. O. d.; WALTER, M. I. M. T.; SANTANA, C. M. B. d.; STEPHANOU, M. C. Percepções sobre o programa bolsa família na sociedade brasileira. **Opinião pública**, SciELO Brasil, v. 15, p. 333–355, 2009.
- CAVALCANTI, D. M.; COSTA, E. M.; SILVA, J. L. M. d. Programa bolsa família e o nordeste: impactos na renda e na educação, nos anos de 2004 e 2006. **Revista de Economia Contemporânea**, SciELO Brasil, v. 17, p. 99–128, 2013.
- CIOCCARI, D.; PERSICHETTI, S. Armas, ódio, medo e espetáculo em jair bolsonaro. **Revista Alterjor**, v. 18, n. 2, p. 201–214, 2018.
- CORREIO BRAZILIENSE. **Bolsonaro e o programa Bolsa Família: de crítico feroz a defensor.** 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/04/11/interna_politica,748643/bolsonaro-e-o-bolsa-familia-de-critico-feroz-a-defensor.shtml>. Acesso em: 04 jan 2022.
- CUNHA, E. **Os Sertões.** Três., 1984. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>>.
- DALTON, R.; FLANAGAN, S.; FLANAGAN, S.; BECK, P.; ALT, J. **Electoral Change in Advanced Industrial Democracies: Realignment Or Dealignment?** Princeton University Press, 1984. (Princeton Legacy Library). ISBN 9780691101651. Disponível em: <<https://books.google.ie/books?id=7LeEQgAACAAJ>>.
- DALTON, R. J.; MCALLISTER, I.; WATTENBERG, M. P.; CABRAL, R. Democracia e identificação partidária nas sociedades industriais avançadas. **Análise Social**, JSTOR, p. 295–320, 2003.
- DATA FOLHA. **ACIMA das expectativas, Lula encerra mandato com melhor avaliação da história.** 2010. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/12/1211078-acima-das-expectativas-lula-encerra-mandato-com-melhor-avaliacao-da-historia.shtml>>. Acesso em: 28 nov 2021.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Identidade.** 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/identidade/>>. Acesso em: 20 jul 2021.
- FARIAS, L. d. C. A questão regional do nordeste para celso furtado: da formação econômica à criação da sudene. Rio de Janeiro, RJ, n. 2, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11422/11790>>.
- FILHO, P. B.; PARDO, T. A. S.; ALUÍSIO, S. An evaluation of the brazilian portuguese liwc dictionary for sentiment analysis. In: **Proceedings of the 9th Brazilian Symposium in Information and Human Language Technology.** [S.l.: s.n.], 2013.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Bolsonaro defendeu esterilização de pobres para combater miséria e crime.** 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/bolsonaro-defendeu-esterilizacao-de-pobres-para-combater-miseria-e-crime.shtml>>. Acesso em: 20 maio 2022.

FRANÇA, T. A. Racismo de estado e imaginário: discurso de ódio contra o nordeste/nordestino. **José Alberto Miranda Poza (UFPE) Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (UFPE)**, p. 59, 2018.

FREYRE, G. **Nordeste Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. [S.l.]: Global Editora, 2004.

G1. **No 2º turno, Bolsonaro vence em 16 estados e Haddad, em 11; nas capitais, placar é de 21 a 6**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/28/no-2o-turno-bolsonaro-vence-em-16-estados-e-haddad-em-11-nas-capitais-placar-e-de-21-a-6.ghtml>>. Acesso em: 12 maio 2021.

GLOBO, O. **PT mantém força no Nordeste e Haddad vence em 98,6% das cidades**. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/2383973624975636>>. Acesso em: 10 jan 2021.

GODINHO, V. de M. Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670—1770). **Revista de História**, v. 7, n. 15, p. 69–88, 1953.

GUERRA, V. M. L. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Anais do Sciencult**, v. 1, n. 1, 2010.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000. Título original: **The Question of Cultural Identity**. [S.l.]: S. Hall, D. Held e T. McGrew. *Modernity and its futures*. Polity Press/Open . . . , 1992.

IG ECONOMIA. **Bolsa Família: valor do benefício ignora inflação e está congelado desde 2018**. 2022. Disponível em: <<https://economia.ig.com.br/2021-10-22/bolsa-familia-ignora-inflacao-valor-beneficio-congelado.html>>. Acesso em: 20 maio 2022.

JOHNSTONE, B. **Discourse analysis**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2017.

JUNIOR, N. B. O inóspito: uma pequena arqueologia do conceito de espaço no pensamento de vilém flusser. **Flusser Studies**, n. 15, 2013.

LIMONGI, F.; GUARNIERI, F. A base e os partidos: as eleições presidenciais no brasil pós-redemocratização. **Novos estudos CEBRAP**, SciELO Brasil, p. 05–24, 2014.

LOPES, A. R.; SILVA, L. G. de S. Neoliberalismo, identidade e preconceito: discursos sobre o nordeste nas eleições de 2018 12. 2019.

MACHADO, M. T.; PARDO, T. A.; RUIZ, E. E. S. Creating a portuguese context sensitive lexicon for sentiment analysis. In: SPRINGER. **International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language**. [S.l.], 2018. p. 335–344.

MAMEDE, M. A. B. **A construção do Nordeste pela mídia**. [S.l.]: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1996. v. 9.

MANHÃES, E. Análise do discurso. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, Atlas São Paulo e SP SP, v. 2, p. 305–315, 2005.

MÄNTYLÄ, M. V.; GRAZIOTIN, D.; KUUTILA, M. The evolution of sentiment analysis—a review of research topics, venues, and top cited papers. **Computer Science Review**, Elsevier, v. 27, p. 16–32, 2018.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. **The language of evaluation**. [S.l.]: Springer, 2003. v. 2.

MEDHAT, W.; HASSAN, A.; KORASHY, H. Sentiment analysis algorithms and applications: A survey. **Ain Shams engineering journal**, Elsevier, v. 5, n. 4, p. 1093–1113, 2014.

MERRIAM-WEBSTER. **self-made**. 2022. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/self-made>>. Acesso em: 30 jun 2021.

ORLANDI, E. P. **Discurso Fundador: a formação do país ea construção da identidade nacional**. [S.l.]: Pontes Campinas, 1993.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. [S.l.]: Pontes, 2012.

OXFORD LANGUAGES. **Word of the Year 2018**. 2018. Disponível em: <[https://languages.oup.com/word-of-the-year/2018/#:~:text=Theadjectivetoxicisdefined,or'imbuedwithpoison'](https://languages.oup.com/word-of-the-year/2018/#:~:text=Theadjectivetoxicisdefined,or'imbuedwithpoison'>)>. Acesso em: 22 out 2021.

PEREIRA, D. A. A survey of sentiment analysis in the portuguese language. **Artificial Intelligence Review**, Springer, v. 54, n. 2, p. 1087–1115, 2021.

PEREIRA, R.; FURTADO, C. Seca e poder. **Entrevista com Celso Furtado**, 1998.

QUELER, J. J.; ZANGELMI, A. J. Por uma revolução branda no campo: significados do vocabulário político das reportagens de antonio callado sobre o nordeste (1959-1960). **Revista de História (São Paulo)**, SciELO Brasil, 2020.

R7. **Após reeleição de Dilma, mais de 300 páginas que promovem o ódio foram criadas nas redes sociais**. 2014. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/apos-reeleicao-de-dilma-mais-de-300-paginas-que-promovem-o-odio-foram-criadas-nas-redes-sociais-2710>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

RAGO, M. Sonhos de brasil (prefácio). **ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes**, v. 5, p. 13–19, 1996.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. [S.l.]: Claraluz, 2005.

RICOEUR, P.; JAPIASSU, H. **Interpretação e ideologias**. [S.l.]: Francisco Alves, 1983.

ROCHA, J. R. A. *et al.* Uma histografia da seca: de fenômeno climático á construção política. Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

SENTIMENT AND EMOTION LEXICONS. **Saif M. Mohammad**. 2022. Disponível em: <<http://saifmohammad.com/WebPages/lexicons.html>>. Acesso em: 07 jun 2022.

SILGE, J.; ROBINSON, D. **Text mining with R: A tidy approach**. [S.l.]: "O'Reilly Media, Inc.", 2017.

SILVA, T. T. D.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. [S.l.]: Editora Vozes, 2003.

